

**EDILENE MARIA OLIVEIRA DE ALMEIDA**



Universidade Federal da Paraíba

Paraíba

**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

# **ATLAS LINGUÍSTICO DA MATA SUL DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras da área Linguagens e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva Aragão

**JOÃO PESSOA**

**2009**

EDILENE MARIA OLIVEIRA DE ALMEIDA

ATLAS LINGUÍSTICO DA MATA SUL DE PERNAMBUCO  
ALMASPE

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras na área de Linguagens e Cultura.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão - -UFPB  
Orientadora

---

Profa. Dra. Marinalva Freire da Silva - UEPB  
1ª Examinadora

---

Profa. Dra. Ivone Tavares de Lucena - UFPB  
2ª Examinadora

---

Profa. Dra. Josete Marinho de Lucena - UFPB  
Suplente

João Pessoa, 8 de outubro de 2009

Quinta-feira às 14h30

## **IN MEMORIAN**

Manoel Amaro (meu padrinho a quem devo a base dos meus estudos)

Manoel e Maura (meus pais (se orgulhavam de mim)

Josefa Ferreira da Silva (aluna inquiridora)

José Pereira da Silva Filho (informante)

Manoel Gerson (aluno colaborador)

Carolina Carmelita Alves (amiga incentivadora)

Euclides Mário de Oliveira (irmão incentivador)

Lindaure Alves de Oliveira Santos (tia incentivadora)

Edmar Alves de Oliveira (primo incentivador)

Orlando Aniceto de Oliveira (amigo incentivador)

Dedico este Atlas a Deus que no início desta batalha, fez-me abrir a Bíblia e me disse:

“Não temas porque eu sou contigo. Não te desencaminhes, porque eu sou o teu Deus. Eu te confortei, e auxiliei e a destra do meu justo te tomou”. (Isaías, 41-10)

E, novamente, confirmou-me a Sua Palavra.

Eis a Dissertação.

## **AGRADECIMENTOS**

À Orientadora: Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão, uma mulher de fibra que se renova a cada dia para “estar no mundo” da linguagem para os Atlas Linguísticos. Foi meu porto seguro, ficou sempre atenta com paciência e incentivo, para irmos nascer o Almaspe.

À UFPB-FABEJA-MINTER: Profa. Elisalva, Profa. Bernardina, Profa Eliane Vilar. que fixaram o olhar para ter, crer, guiar, arriscar, buscar, conduzir com maestria para ver acontecer o MINTER.

Aos Professores: que me fizeram, pela voz do saber, um “ser” transformado.

À Banca de Qualificação: Dra. Ivone Lucena e o Dr. Pedro Farias Francelino, fizeram-me um “ser” para acreditar em mim mesma.

Aos Alunos Inquiridores e aos Informantes: muito grata pelas suas valiosas colaborações.

À FAMASUL, Faculdade onde ensino, pela licença concedida para terminar a Dissertação. E pelo novo olhar de ver a cultura.

Ao meu colega de curso, José João, pela sua inesquecível ajuda, antes de ser Mestre, fez-me sentir como tal.

À minha família: meu esposo George, minha filha Georgilene, meu filho Ediorge, pelo apoio e compreensão, oferecidos de modo espontâneo, durante a elaboração deste trabalho, fizeram-me um “ser” gratificante. Layla Gabrielle, minha 1ª netinha, apenas de 5 meses, fez-me sorrir nos momentos de cansaço e estresse. Aos demais da família: irmãs, primos, sobrinhas, nora, que direto ou indiretamente contribuíram para a realização deste Atlas, muito grata.

À Empresa Georfotostudio e produções, pelo apoio financeiro, sem o qual não poderia ter feito o curso.

Ao meu filho Ediorge, que sempre me acompanhou nas viagens de pesquisas e orientações.

Às minhas amigas, Fátima Gomes e Gedalva Conceição, grata pela colaboração.

À Família Guedes: Pela hospedagem e transporte, levando-me à UFPB, e à residência de minha Orientadora, Dra. Socorro Aragão, fez-me sentir “um ser” importante.

A todos envolvidos nos trabalhos gráficos das cartas e digitação, vocês foram essenciais no fechamento desse trabalho, muito grata.

Às mãos que se estenderam para segurarem as minhas, quando estas buscaram apoio, fez-me um “ser” perseverante.

Às mãos que se negaram a segurarem as minhas, quando eu as busquei, fez-me um “ser” de fé.



## EPÍGRAFE

Sobre a importância linguística, não é necessário insistir, pois ela, por assim dizer, se impõe por definição. Basta notar o seguinte: uma vez reconhecido que o fundo do dialeto representa um estado atrasado do português, e que sobre esse fundo se vieram sucessivamente entretecendo os produtos de uma evolução divergente, o seu acurado exame pode auxiliar a explicação de certos fatos ainda mal elucidado da fonologia, da morfologia e da sintaxe histórica da língua.

Amadeu de Amaral

A língua não se impõe ao falante, mas se lhe oferece.

Coseriu

Dialeto é um falar regional no interior de uma nação onde domina oficialmente um outro falar.

Ducrot e Todorov

Sabe-se que a língua é um todo homogêneo, composto de partes heterogêneas, que, reunidas, constitui a estrutura desse todo. O princípio da variedade na unidade é uma realidade que não se pode desconhecer.

Socorro Aragão

Estudar as mudanças não é estudar desvios. Estudar as mudanças é estudar o fazer-se da língua.

Zágari

A natureza multidialetal de cada falante implica na, e decorre da diversidade de que as línguas se revestem, diversidade que se configura na linha da horizontalidade a da diatópica e na linha da verticalidade, que se matiza em nuances diastráticas, diafásicas, diacrônicas e etárias.

Suzana Cardoso

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE MAPA</b> .....	viii
<b>RESUMO</b> .....	ix
<b>ABSTRACT</b> .....	x
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>1- NO ESPAÇO GEOLINGUÍSTICO: O ESTADO DE PERNAMBUCO</b> .....	
1.1 Panorama Histórico e Situação Geográfica: as mesorregiões.....	
1.2 A Mata Meridional Pernambucana	
1.3 O Litoral Mata Sul de Pernambuco	
<b>2- ENTRE A DIALETOLOGIA E A SOCIOLINGUÍSTICA: ADVERSIDADE LINGUÍSTICA</b>	
2.1 O papel da Dialetologia nos Estudos da Língua	
2.2 Língua/Dialeto/Falar e as estruturas linguísticas	
2.3 Os Estudos Dialetais no Brasil e suas Divisões	
2.4 A Geolinguística e os Atlas Linguísticos	
<b>3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	45
3.1 Pesquisa bibliográfica .....	45
3.2 Delimitação do Corpus .....	46
3.3 Rede de Pontos .....	47
3.4 Perfil Histórico dos Municípios Investigados .....	50
3.5 Inquiridores .....	55
3.6 Informantes .....	56
3.7 A Coleta de Dados: os Questionários .....	59
3.8 Organização Técnica do Material .....	60
<b>4- O ATLAS LINGUÍSTICO DA MATA SUL DE PERNAMBUCO</b>	
4.1 Apresentação das cartas	
4.2 Cartas Geográficas Introdutórias .....	
4.3 Cartas Linguísticas Semântico-Lexicais .....	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	119
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	121
<b>ANEXOS</b> .....	128

## LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Mapa-Múndi situando o Brasil .....	66
MAPA 2 – Mapa da América do Sul, destacando o Brasil, situando Pernambuco no espaço brasileiro .....	67
MAPA 3 – Mapa do Nordeste situando Pernambuco .....	68
MAPA 4 – Mapa de Pernambuco situando as mesorregiões .....	69
MAPA 5 – Mapa de Pernambuco situando a Mata Sul .....	70
MAPA 6 – Mapa da Mata Sul de Pernambuco com os municípios .....	71
MAPA 7 – Mapa da Mata Sul de Pernambuco com a rede de ponto .....	72

## RESUMO

O Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco-Almaspe tem como objetivo a descrição da realidade linguística da língua portuguesa na Mata Sul Pernambucana no aspecto semântico-lexical, mostrando as características de diferenciações linguísticas na região, oferecendo não só aos professores, lexicógrafos, gramáticos e autores de livros didáticos, dados importantes para o conhecimento da língua, sua produção e seu ensino. Para sua confecção, foi realizada uma ampla pesquisa bibliográfica em diferentes direções, o que nos possibilitou mostrar as mais relevantes contribuições de dialetólogos antigos e atuais, sem esquecer o contexto político-cultural do Brasil, nas diferentes épocas. A pesquisa de campo baseou-se nos princípios teórico-metodológicos da Geolinguística, com a delimitação do *corpus*, rede de pontos, perfil histórico dos municípios investigados, inquiridores, informantes, questionário, entrevistas, apresentação das cartas. As cartas mostram as variações diatópicas, diastráticas, diacrônicas, diageracionais e diagenéricas, constituindo-se, assim, num Atlas Linguístico Pluridimensional. Nas considerações finais foram feitas as recapitulações sintéticas dos resultados e da discussão do estudo e pesquisa.

O Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco-Almaspe, compõe-se de um volume compreendendo o histórico de Pernambuco, destacando o histórico da Mata Sul, a fundamentação teórica, a metodologia, as cartas léxicas, conclusão, referências e anexo.

Palavras-chave: Atlas Linguístico, Dialetologia, Geolinguística

## **ABSTRACT**

The Linguistic Atlas of the Mata Sul de Pernambuco-Almaspe has as objective the description of the linguistic reality of the Portuguese language in Pernambuco's Mata Sul in the semantic-lexical aspect, showing the characteristics and linguistic differences in the region, offering not only to the teachers but also, lexicographers, grammar teachers and book authors, important data to the knowledge of the language, its production and teaching. To achieve its objectives an ample bibliographic research took place in different directions, what made it possible to show the most relevant contributions of old and today's dialectologists, without forgetting the political-cultural context of Brazil, in different times. The field research was based in the methodological-theoretical principles of the Geolinguistics, with the delimitation of the corpus, network of points, historical profile of the cities researched, inquirers, informants, questionnaire, interviews, presentation of maps. The maps show the diatopic, diastric, diageracional and diagenerical variations, that make a pluridimensional Linguistic Atlas. In the final considerations synthetic recapitulations of the results, of the discussion and of the study were made. The linguistic Atlas of The Mata Sul de Pernambuco-Almaspe, is composed of one volume that comprehends the history of Pernambuco, in highlights the history of Mata Sul, the theoretical fundaments, the methodology, lexical letters, conclusion, references and annexes.

**Key Words:** Linguistics Atlas, Dialectology, Geolinguistics

## INTRODUÇÃO

O quadro sócio-histórico e cultural do país, atualmente, requer o conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira. Tal conhecimento faz-se necessário, especialmente, no que diz respeito à oferta de subsídio para um ensino da língua portuguesa que leve em conta o caráter multilinguístico, multissocial e multicultural do país.

Assim, buscando abordar essa realidade detalhada do português, o Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco-Almaspe, oferece a estudiosos da linguagem e áreas afins, um rico e propício material para o conhecimento das características da variedade falada na Mata Sul Pernambucana. Com isso, oferece ao processo ensino/aprendizagem esclarecimentos de que a norma culta faz-se necessária, mas de que é preciso, também, eliminar olhares distorcidos que estigmatizam as demais variantes, causando consideráveis prejuízos no ensino/aprendizagem da língua.

O Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco-Almaspe, propõe, nos seus objetivos, fazer uma incursão nas variedades linguísticas em uso na Mata Sul de Pernambuco, propiciando maiores conhecimentos na área semântico-lexical, com enfoque para variações diatópicas e diastráticas, contudo, sem deixar de registrar os aspectos da cultura local que interferem na fala do povo que a utiliza.

O estudo desenvolve-se por meio da metodologia geolinguística, compondo a Dialetoлогия Pluridimensional, englobando as dimensões das variações diatópicas ou horizontais, diastráticas ou verticais, diageracionais, diassexuais e diafásicas.

Para isso, investigamos a fala de 24 informantes em seis municípios que constituem a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco-Almaspe. A área pesquisada compreende os municípios de Ribeirão - ponto 1, Sirinhaém - ponto 2, Belém de Maria - ponto 3, Palmares - ponto 4, Barreiros - ponto 5, São Benedito do Sul - ponto 6. O levantamento do corpus obteve-se por meio

de entrevistas **in loco** e, posteriormente, transformadas em cartas léxicas, onde registramos os fatores investigados.

Os informantes foram selecionados com base em critérios do ALiB, levando em consideração a idade, o sexo, a escolaridade e a origem do nascimento. A coleta dos dados foi feita através do Questionário semântico-lexical (QSL), também do ALiB.

O estudo constitui-se de quatro capítulos.

No capítulo I – Mostramos os dados histórico-geográficos do Estado de Pernambuco, englobando a sua subdivisão política e as mesorregiões, enfatizando a Mata Sul de Pernambuco, a fim de justificar a escolha dos pontos de inquéritos para a realização da pesquisa.

No capítulo II – Na Fundamentação Teórica, são apontados diferentes perspectivas e conceitos de dialetologia na visão de vários de seus estudiosos, a fim de apontar o percurso a seguir para alcançar o conhecimento da forma de falar das pessoas em todo o Brasil. Dissertam que a Dialetologia, junto à Geolinguística, conjuga fatores de ordem diatópica e diastrática, procurando retratar as peculiaridades de cada área dialetal de menor extensão, além de registrar, também, a fala dos grandes centros urbanos.

Nos estudos dialetais no Brasil, mostramos que se deve a Domingos Borges de Barros a primeira manifestação de dialetologia. Posteriormente, em 1922, destaca-se a realizada por Antenor Nascentes “O linguajar Carioca”, como primeira referência a estudos sistemáticos, seguindo-se de “O dialeto Caipira”, de Amadeu do Amaral, em 1930.

A partir da década de 1950, concentram-se os esforços de Silva Neto (1957), Nascentes (1958-1961) e Cunha (1970) para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Houve uma parada de dez anos, logo, a partir da década de 1960, não houve parada. Com o empenho de Nelson Rossi, concretizou-se o primeiro Atlas estadual, o da

Bahia, daí então o trabalho seguiu continuamente, sem mais interrupções. Neste percurso, foi lançado em 1996 o Projeto do Atlas Linguístico do Brasil-ALiB na Universidade Federal da Bahia.

Referente às definições de língua, dialeto e falar, expomos os vários conceitos assumidos por dialetólogos antigos e atuais. Os autores se diferenciam e se complementam, deixando transparecer, quanto é complexo compreender a distinção entre tais conceitos, devido às inúmeras possibilidades para a sua abordagem. De um lado, há o histórico, o social, o político, o religioso, o psíquico, na esfera extralinguística; de outro, os traços linguísticos essenciais encontram-se envolvidos nestes contextos. Não obstante, percebe-se, hoje, na concepção de dialetólogos que esses conceitos já estão bem definidos e determinados.

No que diz respeito à geolinguística, apresentamos seus princípios teórico-metodológicos e sua atuação no campo da pesquisa linguística. Apontamos, também, o esforço de pesquisadores, que fizeram da Dialectologia, em especial da Geolinguística, o objeto maior de seus estudos, e possibilitaram, assim, a elaboração de Atlas Linguísticos estaduais e regionais, totalizando nove publicados. São eles:

1. Atlas Prévio dos Falares Baianos-APFB – 1963.
2. Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais-FALMG – 1977.
3. Atlas Linguístico da Paraíba I e II-ALPB – 1984.
4. Atlas Linguístico de Sergipe-ALS I – 1987.
5. Atlas Linguístico do Paraná-ALPR – 1994.
6. Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil-Alers – 2002.
7. Atlas Linguístico Sonoro do Pará-Alispa – 2004.
8. Atlas Linguístico de Sergipe II-ALSII – 2005.
9. Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul-ALMS –A 2007.

A respeito do Atlas Linguístico do Brasil-ALiB, apresentamos a trajetória de Nascentes, Amaral, Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi, até chegarmos ao Projeto atual, em pleno desenvolvimento, o que permitirá, quando de sua conclusão, estabelecer



relações entre as diversas modalidades de uso de uma língua, não apenas no plano espacial, mas também no que se refere à realidade sociolingüística da área considerada.

O projeto Atlas Lingüístico do Brasil está constituído sob a égide de amplo objetivo de descrever a realidade lingüística do Brasil, contribuindo com subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil. Esse trabalho oferecerá aos lexicólogos dados para aprimorar os dicionários, ampliando o campo de informações e refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil, sem desprestigiar os seus dialetos de origem.

No capítulo III - Detalhamos os Procedimentos Metodológicos que nortearam a pesquisa. Serão descritos a pesquisa bibliográfica, delimitação do corpus, rede de pontos, perfil histórico dos municípios investigados, os inquiridores, os informantes, a coleta de dados os questionários, transcrições ortográficas, organização técnica do material.

No capítulo IV - Contém uma breve exposição sobre os procedimentos de elaboração e leitura das cartas, que estão apresentadas em dois tipos:

1. Cartas Geográficas introdutoras para a identificação da região no espaço geográfico brasileiro e no mundo, contendo sete mapas, elencados assim:
  - 1.1 Mapa-múndi situando o Brasil.
  - 1.2 Mapa da América do Sul destacando o Brasil situando Pernambuco.
  - 1.3 Mapa do Nordeste situando Pernambuco
  - 1.4 Mapa de Pernambuco situando as mesorregiões
  - 1.5 Mapa de Pernambuco localizando a microrregião Mata Sul.
  - 1.6 Mapa da Mata Sul com os municípios.
  - 1.7 Mapa da Mata Sul com a rede de pontos.
  
2. Cartas lingüísticas semântico-lexical, totalizando 45 cartas, selecionadas a partir de 202 perguntas, que compõem o Questionário Semântico-Lexical-QSL, (ver anexo),

respondidas por 24 informantes residentes nas localidades da rede de ponto. A distribuição destas cartas aconteceu através de campos semântico-lexicais, na seguinte ordem:

- Acidentes Geográficos (2), Fenômenos Atmosféricos (4), Astros e Tempo (3), Atividades Agropastoris (5), Fauna (6), Corpo Humano (7), Ciclos da Vida (2), Convívio e Comportamento Social (6), Jogos e Diversões Infantis (4), Habitação (1), Alimentação e Cozinha (2), Vestuário e Acessórios (1), Vida Urbana (2).
- As cartas linguísticas apresentadas representam as variações semântico-lexicais da região investigada, através da pesquisa de campo entre informantes e inquiridores.
- Estas cartas mostram a realidade diatópica e diastrática da região Mata Sul.

Nas considerações finais foram feitas as recapitulações sintéticas dos resultados, estes envolvidos no estudo e na pesquisa. Por fim, contém um anexo onde se encontram as fichas das localidades e dos informantes, o questionário Semântico-Lexical-QSL, que serviram de instrumentos para o levantamento do corpus e para a execução das cartas linguísticas, fotos de inquiridores, informantes.

# **1- NO ESPAÇO GEOLINGUÍSTICO: O ESTADO DE PERNAMBUCO**

## **1.1 PANORAMA HISTÓRICO E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: AS MESORREGIÕES**

Para compor esta pesquisa, foi realizado um estudo sobre o Estado de Pernambuco, visando retratar seus aspectos históricos e sociais, além daqueles referentes à ocupação e povoamento, à situação geográfica, à divisão política e aos perfis sócio-econômico-culturais do Estado.

Além da abordagem geral sobre o Estado, procurou-se destacar a mesorregião em estudo, a Mata Sul, no que trata a sua história, economia, cultura e outros aspectos que permitiram investigar de forma mais concreta, a diversidade do falar dessa região.

A costa nordestina foi a primeira a ser percorrida pelos europeus: franceses, portugueses, espanhóis e bretões, que faziam contatos e alianças com os índios tupi-guaranis, caetés e outros. À medida que o comércio entre Portugal e a Índia foi perdendo importância, o rei de Portugal passou a ter maior preocupação com o Brasil. Em 1516, enviou técnico e materiais para implantação de um engenho de açúcar em Itamaracá, onde foram deixados colonos portugueses - sobretudo degredados - para que, em contatos comerciais com os índios, aprendessem sua língua, seus costumes e ao mesmo tempo influenciassem seus costumes étnicos, culturais e linguísticos.

Depois de ter implantado a vila de Igarapé e formado a vila de Olinda, a qual seria a capital de Pernambuco por três séculos. Duarte Coelho fundou roças de mantimentos e engenhos, tendo como mão de obra os índios, que não eram suficientes e facilmente migravam para o interior onde era difícil aprisioná-los. Devido a este êxodo, Duarte Coelho solicitou autorização ao rei para importar escravos negros de Guiné, surgindo, assim, mais uma etnia em Pernambuco. Os negros vinham da África do Forte de Minas - golfo de Guiné - Níger, Nigéria, Angola, São Tomé e Moçambique, trazendo

línguas da África do 3º grupo Nígero-Congolês, ramo banto, subgrupo kua: ibo, ioruba ou nagô, akam-euê; transplantadas para Pernambuco, misturaram-se com o Tupi e outras línguas indígenas, bem como com o Português, Holandês, Espanhol e Francês, o que resultou numa nova roupagem linguística.

Nos fins do século XVI, na capitania, formou-se uma sociedade aberta à imigração, sobretudo de pessoas que fugiam da justiça da Europa ou que ostentavam uma riqueza fácil e de uma vida de ostentação. Entre estas pessoas que fugiam da justiça da Europa, estavam os judeus que aqui se tornaram senhores de engenhos, adquirindo grandes fortunas e poder. Adotaram nomes portugueses para fugir da identificação de sua origem em terras distantes. Em seus sobrenomes, encontravam-se, por exemplo: Silva, Dias, Azevedo, Carneiro, Coelho, Cordeiro, Figueira, Pereira, Oliveira entre outros.

Entre invasões, explorações e traições surgiram os engenhos de açúcar, o crescimento populacional e os conflitos entre índios, portugueses e holandeses. Por isso, os invasores foram ampliando as conquistas e aparecendo novas povoações como: o vale do Ipojuca, Sirinhaém, Rio Formoso, o do Una (Palmares), Cabo, Porto Calvo e Alagoas nos fins do século XVII.

Em Pernambuco os holandeses dominaram cerca de 24 anos, em meio a violentas batalhas. Nestes confrontos, os indígenas cativos aproveitando-se da luta entre senhores, fugiram para o sertão à procura das suas tribos e nações, enquanto grande contingente de negros fugia para as áreas de mais difícil acesso, formando quilombos onde procuravam fazer uma sociedade semelhante a que deixaram na África. Observando-se um mapa da área ocupada pela República de Palmares, vê-se que ela abrangia, em seu período de esplendor, cerca de 27.000 km<sup>2</sup>, estendendo-se do paralelo do Cabo de Santo Agostinho até o São Francisco na atual Alagoas. A maior porção desse território era ocupada pela mata Atlântica, floresta típica dos climas tropicais com uma vegetação exuberante, densa e heterogênea de difícil penetração. A população se distribuía em pequenas aldeias, chamadas de mocambos, em torno das quais plantavam roças. No período áureo da república, a sede do governo era o mocambo do Macaco onde vivia o “rei” Ganga-Zumba. O maior mocambo, por sua vez, era o de Sucupira,

mas havia, também, uma série de quilombos menores. O mais famoso foi o de Palmares, na Serra da Barriga, no Norte de Alagoas e Sul de Pernambuco. Tendo como chefe - Zumbi -, tal quilombo subsistiu à dominação holandesa e resistiu por mais de seis décadas às investidas que lhe foram feitas.

Palmares, que era uma confederação de aldeias negras, sobreviveu por quase um século e ocupou um expressivo território. Zumbi, o seu último e importante chefe, foi pela coragem, a maior expressão de resistência negra à escravidão no Brasil.

No que diz respeito às rebeliões, quer anteriores quer posteriores à independência, Pernambuco - especialmente na Mata Sul - destaca-se na História os acontecimentos como: numerosas insurreições negras, sendo que estas insurreições se encontram só nos documentos dos arquivos, apenas o Quilombo dos Palmares, foi o que conseguiu sair dos arquivos e se destaca em âmbito Nacional.

Com pouco destaque de divulgação, no período imperial, houve um movimento Cabano no Agreste e na Mata Sul, que resultou numa guerra denominada “Guerra dos Cabanos”.

A guerra se estendeu na área oriental, compreendendo zona de Una, Jacuípe e Barra Grande, Sirinhaém, Rio da Prata, zona de Panelas, Santo Antônio as circunstâncias de Goiana, Igarapu, Pau d’Alho, Limoeiro, Sirinhaém, Água Preta, São José da Coroa Grande, Catende, Brejo Verde, Cafundó, Altinho, Camaragibe, Bonito, Lagoa dos Gatos, Garanhuns, Cachoeirinha e Porto Calvo (Alagoas).

A Guerra dos Cabanos era uma revolução regressiva reacionária, pois combatia a Regência, que pretendia enquadrar a Monarquia Constitucional, objetivando a volta do antigo regime absolutista, exercido por D. Pedro I. Com esses objetivos, ligou-se aos antigos sócios da Sociedade Secreta Coluna do Trono e do Altar, a Sociedade Militar, aos portugueses, aos simpatizantes do partido Caramuru, e aos elementos retrógrados do clero. Liderada por Vicente Ferreira de Paula. Todos eram até certo ponto fanáticos pelo regime absolutista.

A Guerra dos Cabanos foi uma revolução de massas, popular quanto à composição dos seus elementos, e absolutista quanto aos fins que procurava atingir.

Assim, em meio as mais variadas circunstâncias de ordem econômica, política e social, essa revolução atingiu um contingente das camadas mais populares da região, em favor da restauração de uma monarquia absoluta, seguidores que, mesmo sem entender o significado dessa monarquia, suportaram as maiores provações durante quatro anos de lutas de guerrilhas, emboscadas e refúgio nas matas.

Com relação à etnia em Pernambuco, seus atavismos continuam presentes nos mestiços distribuídos entre mulatos, mamelucos e cafuzos, havendo predominância de mulatos e cafuzos numas miscelâneas, que vai do pardo-moreno, moreno ébano ao claro, negros e mazombos. Índios puros são raros, mas existem alguns da tribo dos Fulni-ô provenientes do município de Águas Belas no Agreste.

Com referência à língua, é linguisticamente formada pelas famílias:

#### 1. Família Indo-Européia:

- Grupo Germânico: alemão, holandês, inglês, dinamarquês, norueguês;
- Dialectos: bávaro e flamengo;
- Grupo Céltico: bretão, irlandês e gaulês;
- Grupo Itálico: latim, italiano, francês, espanhol, português.

#### 2. Família Camito-Semítica:

. Fenício e hebraico (judeus).

. Como também pelas línguas da África do Sul, do 3º grupo Nígero-Congolês do sub-grupo Kua: ibo, ioruba ou nagô, akam-euê ou chue-kru; e pelas línguas indígenas: língua geral - tupi e tapuia - língua travada, isto é, línguas misturadas.

Diante dessa sucinta mostragem das principais formações etno-sócio-econômico-linguística em Pernambuco, abrangendo um contingente do litoral à área investigada – com destaque para a Mata Meridional Pernambucana - percebe-se, hoje, a importância histórica da região no cenário pernambucano.

O Estado de Pernambuco está localizado no espaço geográfico do Brasil, situado, por sua vez, no espaço geográfico da América do Sul, considerado o quinto país do mundo em extensão territorial, o Brasil possui uma área de 8.514.876.599 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 189.985.135 milhões de habitantes, de acordo com o censo realizado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - em 2008.

O Brasil está politicamente dividido em espaços geográficos menores: 26 Estados e um Distrito Federal. Além da divisão política, o Brasil encontra-se dividido em cinco regiões: Região Norte, Região Nordeste, Região Centro-Oeste, Região Sudeste e Região Sul.

Pernambuco é um dos Estados que formam a Região Nordeste. Outros oito Estados compõem esta região: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Cinco, desses nove Estados nordestinos, fazem fronteira com Pernambuco: Piauí, Ceará, Paraíba, Bahia e Alagoas.

Limita-se com estes Estados nas quatro direções cardeais: ao norte - Ceará e Paraíba; ao Sul - Bahia e Alagoas; a leste - Oceano Atlântico; a oeste - Piauí.

Os limites de Pernambuco foram primeiramente estabelecidos por D. João III, Rei de Portugal, através da carta de doação de 1534.

Ao longo da História, o território pernambucano foi sendo reduzido por decisões políticas. Houve tempo em que ele tinha 266.012 km<sup>2</sup>, hoje tem 98.938 km<sup>2</sup>.

Pernambuco é o quinto Estado do Nordeste em extensão territorial, ocupando uma área de 98.938 km<sup>2</sup>, incluindo o arquipélago de Fernando de Noronha. Nele vive uma população estimada de 8.706.168 (7<sup>o</sup>), de acordo com o Censo Demográfico de 2007 pelo IBGE.

O Estado de Pernambuco encontra-se dividido em 178 municípios e um Distrito Estadual Fernando de Noronha. Esses municípios e o Distrito Estadual foram agrupados pelo IBGE, em cinco mesorregiões geográficas: Mesorregião do Sertão Pernambucano, Mesorregião do Agreste Pernambucano, Mesorregião do São Francisco, Mesorregião Metropolitana do Recife e Mesorregião da Mata Pernambucana.

Estas mesorregiões estão agrupadas em microrregiões.

1. A Mesorregião do Sertão de Pernambuco é formado por quatro microrregiões: Araripina, Vale do Pageú, Salgueiro e Sertão do Moxotó.
2. A Mesorregião do São Francisco Pernambucano é formada por duas microrregiões: Itaparica e Petrolina.
3. A Mesorregião do Agreste Pernambucano é subdividida em seis microrregiões: Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca, Alto Capibaribe, Garanhuns, Brejo Pernambucano e Médio Capibaribe.
4. A Mesorregião Metropolitana do Recife é formada por quatro microrregiões: Fernando de Noronha, Itamaracá, Recife, Suape.
5. Mesorregião da Mata Pernambucana é formada por três microrregiões: **Mata Meridional Pernambucana**, Mata Sententrional Pernambucana, Vitória de Santo Antão.



## 1.2 A MATA MERIDIONAL PERNAMBUCANA

A Microrregião da Mata Meridional Pernambucana é o ambiente da pesquisa do Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco-Almaspe. É composta por 21 municípios: Água Preta, Amaraji, Barreiros, Belém de Maria, Catende, Cortês, Escada, Gameleira, Jaqueira, Joaquim Nabuco, Maraiá, Palmares, Primavera, Quipapá, Ribeirão, Rio Formoso, São Benedito do Sul, São José da Coroa Grande, Sirinhaém, Tamandaré, Xexéu.

Foram selecionadas seis cidades para a investigação, contemplando, assim, todo o contexto linguístico da região.

Foram as cidades:

1. Ribeirão, limita-se ao Norte com Amaraji, Primavera e Escada; ao Oeste com Cortês e Joaquim Nabuco; ao Leste com Sirinhaém; ao Sul com Gameleira.
2. Sirinhaém, limita-se ao Norte com Escada, ao Sul com Rio Formoso; ao Leste com o Oceano Atlântico; ao Oeste com Ribeirão e Gameleira.
3. Belém de Maria, que se limita ao Norte com Bonito (Agreste), ao Sul com Catende; ao Oeste com São Joaquim do Monte (Agreste), Lagoa dos Gatos (Agreste) e Cupira (Agreste), ao Leste com Catende.
4. Palmares limita-se ao Norte com Bonito (Agreste); ao Leste e Noroeste com Joaquim Nabuco, ao Sul com Xexéu; ao Oeste com Catende; Sudoeste com Água Preta.
5. Barreiros limita-se ao Norte com Rio Formoso e Tamandaré; ao Sul com São José da Coroa Grande e Estado de Alagoas; ao Leste com o Oceano Atlântico; ao Oeste com Água Preta.

6. São Benedito do Sul limita-se ao Norte com Lagoa dos Gatos (Agreste); ao Sul com o Estado de Alagoas; ao Leste com Maraial e Jaqueira; ao Oeste Quipapá e Panelas (Agreste).

### 1.3 O LITORAL MATA SUL DE PERNAMBUCO

O termo litoral-Mata faz alusão à Mata Atlântica que aí existia. Essa mata começou a ser destruída nos primeiros tempos da colonização, cedendo espaço ao plantio da cana, o que resultou no surgimento de extensos canaviais.

A Mata Atlântica recobria toda a Zona da Mata Pernambucana. Era uma floresta tropical rica em espécies vegetais, como o pau-brasil, o pau d'arco, o pau-d'arco-amarelo, a sucupira, o vinhático, o jacarandá, o jequitibá, a maçaranduba, a sapucaia.

Na época colonial, Pernambuco abrangia Paraíba e Alagoas, por ser um ponto mais oriental da costa do Brasil, e o que fica mais próximo da Europa e da África, foi muito cobiçado pelos holandeses, espanhóis e portugueses, assim disse os holandeses que Pernambuco era o paraíso do Brasil. Hoje, esse ponto oriental, que fica na Ponta do Seixas na Praia de Cabo Branco, encontra-se na Paraíba.

A Mata Sul é localizada no Sul do Estado, seu litoral tem algumas das praias mais belas do Estado como: Tamandaré, Barra do Sirinhaém e São José da Coroa Grande. Tem como principal cidade Palmares, que influencia toda região com seu centro comercial.

A ocupação das terras dessa microrregião começou a ser realizada através dos canaviais, durante o período colonial, em virtude do solo fértil, dos rios e do clima quente e úmido.

Ao lado da cana-de-açúcar, ganha cada vez mais importância à agroindústria açucareira e alcooleira, devido a sua grande participação na economia do Estado. Também merece destaque a produção de aguardente com marcas no Brasil e no exterior.

## **2- ENTRE A DIALETOLOGIA E A SOCIOLINGÜÍSTICA: ADVERSIDADE LINGÜÍSTICA**

### **2.1 O PAPEL DA DIALETOLOGIA NOS ESTUDOS DE LÍNGUA**

O século XIX registra os rumos do novo ramo dos estudos da linguagem. A Dialetoлогия se apropria da Geolinguística como método específico para as suas investigações. Esse percurso geolinguístico, iniciado com Atlas nacional e, em seguida, com Atlas Regionais, apresenta, nos últimos dias do século XX, uma nova dimensão, com a implantação de Atlas, voltados para recobrir inteiramente um continente ou para mostrar famílias de línguas. Dessa forma, na perspectiva geral, não só uma diversidade de visões geolinguísticas, conforme a área de abrangência, da qual resultam atlas regionais, nacionais e supranacionais - de famílias de línguas continentais-, destacando-se o Atlas Linguarum Europae (ALE) e o Atlas Linguistique Roman (ALiR), mas também segundo os aspectos sociolinguísticos, que recobrem questões diageracionais, diastráticas, diagenéricas, diafásicas, diarreferenciais.

Para o tratamento da diversidade linguística há duas áreas de estudos afins: a Dialetoлогия e a Sociolinguística. **A Dialetoлогия** tem como objeto de estudo os dialetos, considerados como **variações regionais** de uma língua e **a Sociolinguística** estuda as diferentes formas de uso de uma língua na sociedade. No entanto, cada uma dessas vertentes emprega métodos particulares de investigação científica.

O termo dialetoлогия para Dubois (1993, p. 185):

[...] usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às vizinhas ou da mesma família.

Dubois (1993) menciona que a Dialetologia dedicou-se ao estudo dos dialetos, usando o método comparativo e baseando-se no princípio de línguas -mães uniformes, acredita que, através dos tempos, na disseminação dessas línguas em diversos espaços, houve ruptura da língua-mãe, contribuindo para o nascimento de línguas filhas em diversos espaços. Assim o latim falado na Hispania era certamente diferente do latim falado em Roma ou na Gália. A extensão das áreas nas quais se encontram traços de variações, explica-se pela propagação desigual de certos centros haver inovações e em outros, haver manutenção de formas antigas.

E Dubois (1993, p. 185), acrescenta que a Dialetologia nasceu

[...] das pesquisas dos neogramáticos para estabelecer as “leis fonéticas”, concebida de maneira sistemática na Alemanha por George Wenker, ela foi estabelecida definitivamente pelos trabalhos de Jules Gilliéron e pelos Atlas linguísticos, mesmo que, mais tarde, tenham sido abandonados alguns dos seus pressupostos ou princípios metodológicos.

A Dialetologia ganhou espaço na França, uma vez que, em 1881, passou a fazer parte do currículo regular da École Pratique des Hautes Études, de Paris, impulsionando o ideal da valorização das manifestações populares (usos, crenças, costumes, falares).

Em 1888, Gaston Paris, em uma de suas conferências, apresentou “Os falares da França”, acentuando a necessidade de se estudarem os *patois* franceses, os quais se encontravam a caminho de uma descaracterização, devido ao acelerado processo de nivelamento cultural. Chamava atenção para o fato de que as descrições dialetais - quer por meio de monografia, quer por meio de Atlas - deveriam ser realizadas com rigor, obedecendo a uma metodologia bem definida exigida pelas ciências naturais. O trabalho desenvolvido por Jules Gilliéron hoje, considerado o fundador da geografia linguística como método de investigação científica, foi usado como exemplificação. Jules Gilliéron, com o apoio de seu mestre Gaston Paris, alguns anos depois, iniciaria os preparativos para a elaboração do Atlas Linguístico da França - o ALF.

Com a ajuda financeira do Ministério de Instrução Pública e a colaboração de Edmond Edmont. Gilliéron para realizar as pesquisas de campo escolheu como inquiridor Edmond, comerciante que já havia realizado um trabalho sobre o léxico de Saint-Pol-sur Ternoise, pela exatidão de suas transcrições e pela sua capacidade que demonstrava agudeza de ouvido para distinguir pormenores fonéticos. Por ser leigo, poderia fornecer um retrato fiel da realidade fonética, não se deixando envolver por preconceitos linguísticos.

Edmond Edmont percorreu 639 localidades durante quatro anos, em cada uma delas um informante respondia um questionário de palavras isoladas e algumas frases. Inicialmente realizado com 1400 perguntas, o questionário alcançou um total de 1920 questões ao final da pesquisa. As respostas dos informantes eram logo transcritas por Edmond, que recebera a recomendação de não as retocar.

Os cadernos com o material coletado eram enviados a Gilliéron, que imediatamente os analisavam. A partir desse trabalho, já em 1902, foi possível publicar os três primeiros fascículos do ALF, de um total de 35, tendo sido o último editado em 1910.

Gilliéron escreveu ensaios e artigos com base nos dados descritos em 1920 cartas, que compõem o ALF - com rica e segura documentação. A realização deste trabalho buscou sempre ressaltar a importância de serem estudados os fatos linguísticos, levando em consideração a sua distribuição espacial.

Ressaltam-se regiões conservadoras e inovadoras, centros de irradiação cultural, zonas de transição, o que permite que se estabeleçam, com base em combinações de traços linguísticos comuns, de isoglossas, os limites entre os falares.

Após o surgimento do ALF e de outros Atlas europeus, foram muitos os filólogos que se dedicaram a verdadeiro trabalho para a reconstituição da história de palavras e sons que, ao longo do tempo, se modificaram, relegados à própria deriva. Com base na observação de cartas léxicas e fonéticas, onde se retratava a dinâmica dos falares, e com base numa descrição sincrônica, procurava-se chegar aos estágios mais

remotos de uma língua, tendência que retomava a linha historicista e que prevaleceu até meados do século XX. Vejamos o que diz Dubois (1993, p. 185-186):

A dialetologia é também o estudo conjunto da geografia linguística e dos fenômenos de diferenciação dialetal ou dialeção, pelos quais uma língua, relativamente homogênea numa dada época, sofre no curso da história certas variações - diacrônicas em certos pontos e de outra natureza noutros - até terminar em dialetos, e mesmo em línguas diferentes. Então, a dialetologia para explicar a propagação ou a não-propagação desta ou daquela inovação, faz intervir razões geográficas (obstáculos ou ausência de obstáculos), políticas (fronteiras mais ou menos permeáveis), sócio-econômicas, sócio-culturais (rivalidades locais, noção de prestígio) ou linguísticas (influência de substrato, de superestrato, de adstrato). A dialetologia é, enfim, sob o nome de dialetologia social, o estudo dos dialetos sociais e diz respeito, então, à sociolinguística.

Como aconteceu com o latim, uma língua quase homogênea numa dada época, o curso da história trouxe transformações diacrônicas, fazendo surgir variações, dando origem, desta forma aos dialetos regionais. Essas variações incorporaram os diversos tipos de inovação, oriundos dos contatos com imigrantes, com outras culturas, dos movimentos assimétricos, da chegada dos invasores e, ainda, possibilitou a formação de outras línguas, como da dialeção do latim, concebendo o nascimento das línguas neolatinas.

Nessa perspectiva, a Dialetologia não se prende apenas aos estudos linguísticos referentes às questões diatópicas, mas une-se à Sociolinguística e analisa traços diastráticos e fatores de ordem sócio-cultural que determinam as variações e mudanças linguísticas, como afirma Blanch (1978, p.40):

A Dialetologia pode, evidentemente, beneficiar-se com as contribuições da Sociolinguística como de fato já tem se estado beneficiando. O progresso que tem estabelecido a sociolinguística com seu rigor e minuciosas considerações de fatores sociológicos,

antes só superficialmente atendidos pela dialetologia, é contribuição de primeira magnitude, que a atividade dialectológica haverá de ter agora em muita consideração.

Partindo desse entendimento, é que Coseriu (1950, p. 11-12) acrescenta:

a dialetologia tem como centro de interesse estudar as unidades sintópicas e, sobretudo, a diversidade diatópica, enquanto caberia a sociolinguística o estudo das unidades sinstráticas e a diversidade diastrática, ficando com a estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica

Blanch (1978, p. 42), sobre o tema assim se pronunciou: “Se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais tanto do eixo horizontal como da vertical”. Diz ainda Blanch, (1978, p. 40) que o fato de a dialetologia “haver dedicado o melhor do seu esforço ao estudo das falas regionais, especialmente rurais, isso não pode ser interpretado como um fato definidor, mas uma circunstância transitória”. Daí se refere que à dialetologia interessa não só a variedade rural, mas também a urbana, podendo-se então falar em duas dialetologias distintas, uma de natureza rural e outra, urbana.

A dialetologia, em sentido restrito, é a disciplina que se ocupa do estudo de dialetos e falares, isto é, das variedades de natureza geográfica de uma língua. Em sentido amplo, é a disciplina que tem por objeto de estudo os dialetos, estes, por vez, considerados como quaisquer variedades de uma língua. Sendo assim, pode-se falar em dialetologia horizontal e vertical. A primeira se ocupa das variações diatópicas ou de natureza espacial. A segunda, das variações diastráticas ou de caráter sociocultural.

Corvalán (1988, p. 8) concorda com Dubois quando argumenta:

Sociologia e dialetologia se considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a

sociolinguística, a dialetologia reconheceu desde então a existência da heterogeneidade linguística.

A Dialetologia tradicional consiste no estudo de formas linguísticas predominantes rurais, considerando-se que o informante era homem rústico, rural. Porém, garantiu sua importância a partir do registro de dados que, de outra forma, se teriam perdido. Hoje não é possível saber como falava o homem dos tempos passados, independente da classe social a que pertencia. No entanto, esse recurso, através do Atlas, será oferecido à posteridade, que será beneficiada ao saber como se manifestava a fala nos homens do século XXI.

Com o passar do tempo, foi-se observando que a limitação do campo equivalia a um esquecimento quase total das formas usadas pela maioria da população, dos grandes centros urbanos e nas pequenas cidades do interior. Percebeu-se, então, a certeza de que o estudo dos dialetos urbanos representava uma tarefa que teria de ser levada à verificação, mesmo porque dialeto não é só rural, visto que o homem rural, com os avanços dos meios de comunicação e as necessidades particulares, ficou perceptível o êxodo rural, entretanto, também no espaço urbano, há variações de toda ordem entre os homens que nunca viveram no espaço rural. A partir daí, houve uma expansão dos estudos da dialetologia e com eles uma nova visão metodológica, não só visão diatópica como também diastrática.

## 2.2 LÍNGUA/DIALETO/FALAR E AS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS

Diante de vários conceitos de língua entre linguistas e dialetólogos, o mestre de Genebra – Saussure, (1995, p. 17), assim se pronuncia há quase 100 anos: A língua “é ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Saussure mostra a língua enquanto sistema, fazendo parte do social como meio de comunicação. Em se tratando, a capacidade de linguagem, de uma faculdade inerente ao indivíduo, fica notório que a sua concepção de língua foi sempre um norte para os sucessores, e continua em vigor nos nossos dias.



O linguista encontra dificuldade para a conceituação de língua em decorrência da imensa variedade de que se reveste a língua e da rápida modificação com que se diferencia. A este respeito, Câmara Jr. (1985 p. 7) assim se expressa:

Há uma diversidade de ordem geográfica, no espaço ou horizontal, e outra, vertical, de ordem social, em função das classes da sociedade e das interferências entre elas. A diferenciação no espaço cria o problema de distinguir entre língua e dialeto, que nem sempre os próprios linguistas têm resolvido de maneira uniforme, coerente e decidida.

E mais adiante coloca:

Nestas condições, a língua fica sendo, como unidade, uma estrutura ideal, que apresenta em si os traços básicos comuns a todas as suas variedades. É a invariante abstrata e virtual, sobreposta a um mosaico de variantes concretas e atuais.

Para Câmara (1995), a língua tem a sua estrutura básica, de onde condiciona as variações sem afetar o significado do léxico padrão. Esta “invariante abstrata e virtual” é a língua da civilização, em que o conceito de língua se realiza melhor, no que se concebe a base da língua escrita ou língua literária e da língua com norma rígida, que reduz a variabilidade e serve de modelo, por exemplo, é a língua da Escola que veicula a correção.

Contudo, Cunha e Cintra (1986, p.4) afirmam que, “numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contraregrando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes.”

Já Coutinho (1974, p. 27) assim se manifesta: “Uma língua só conserva o seu aspecto uniforme enquanto é falada por um pequeno agrupamento humano”, pois quando ela se expande, vai perdendo a sua característica regional, adquirindo outras

formas decorrentes ao entrar em contato com novas formas de falar, novos costumes e cultura diferente.

Aragão, (p. 2), assim se pronuncia: “Sabe-se que a língua é um todo homogêneo, composto de partes heterogêneas que, reunidas, constitui a estrutura desse todo. O princípio da variedade na unidade é uma realidade que não se pode desconhecer”. Aragão acredita que a língua é intrinsecamente heterogênea.

Entretanto, língua e dialeto fazem parte do mesmo sistema diante das diversidades existentes no plano histórico da língua. Por conseguinte, em uma língua histórica, há três tipos fundamentais de diferenças internas ou diassistema: 1) diferenças diatópicas (termo proposto por Flydal) ou diferenças de espaço geográfico; 2) diferenças diastráticas (termo proposto por Flydal) ou diferenças entre os estratos socioculturais de uma mesma comunidade; 3) diferenças diafásicas (termo proposto por Coseriu) ou diferenças entre os tipos de modalidades expressivas, de estilos distintos conforme as circunstâncias em que realizam os atos de fala. Acrescentam-se a esses três tipos as diferenças etárias, geracionais.

As diferenças diatópicas, diastráticas e diafásicas correspondem a três tipos de subsistemas que contêm internamente intenção homogênea garantida pela soma dos traços linguísticos coincidentes. A partir dessas coincidências pode-se dizer que existem: a) as unidades sintópicas, que são percebidas mais comumente como dialeto; b) as unidades sinstráticas, as de estratos sociais; c) as unidades sinfásicas, ou de estilo de língua.

Certamente, observa-se que, em cada unidade sintópica ou dialeto de determinada região, pode haver diferenças diastráticas (socioculturais) ou diafásicas (de estilo); em cada unidade sinstrática, por exemplo, a linguagem culta, há diferenças diatópicas (regionais e diafásicas de estilo), e em cada unidade sinfásica, por exemplo, na linguagem familiar, formal e literária, há diferenças diatópicas e diastráticas.

Em tudo isso fica evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nela contida. Desse modo, observa-se que dialeto é a própria língua. Não

existem limites rígidos entre as línguas, uma vez que toda língua histórica é composta por um conjunto de dialetos. A diferença entre língua e dialeto é uma diferença de status históricos, como bem define Coseriu (1982, p. 11,12):

[...] o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior.

Assim, “dialetos” podem denominar tanto a variedade falada numa região do país quanto a usada por cada um dos segmentos que constituam os traços que as particularizam, isto é, as normas que as caracterizam. Dessa forma, afirma-se que o que faz com que uma variedade passe a ser considerada como língua é uma decisão puramente política.

Mediante o que foi posto, fica coerente ratificar que as formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se dialetos, embora alguns linguistas acreditem que há distinção entre dialeto e falar nas variedades diatópicas.

Dialeto seria um sistema de sinais de uma língua comum, viva ou desaparecida com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante das outras da mesma origem. De modo secundário, poder-se-iam também chamar de dialetos “as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de línguas”. (DUBOIS et al, 1993, p.183-184)

Na sequência, vejamos o que diz Coutinho (1974, p.28):

Em sua origem, toda língua é um dialeto, que, por circunstâncias várias, consegue predominar. Assim, o italiano foi a princípio o dialeto da Toscana; o espanhol, o de Castela; o francês, o da Ilha de França. Língua e dialeto são, pois, termos relativos. O italiano, o francês, o espanhol, o português, etc., que, tomados separadamente,

constituem verdadeiras línguas, com relação ao latim, não passam de simples dialetos,

Acrescentando outras definições mais antigas:

Segundo Bluteau (1728, p. 16), dialeto é um “Modo de falar próprio e particular de uma língua nas diferentes partes do mesmo Reino: o que consiste no acento, ou na pronúncia, ou em certas palavras, ou no modo de declinar e conjugar”. Percebe-se nesta definição de dialeto, apesar de antigo, não está diferente da visão mais moderna, a percepção se assemelha a uma forma de língua como uma variedade regional sem o **status** e o prestígio sócio-cultural da própria língua.

“Um dialeto se define por um conjunto de particularidades tais que o seu agrupamento dá a impressão dum falar distinto dos falares vizinhos, a despeito do parentesco que os une.” (MAROUZEAU, 1921, p. 66). Assim, para Marouzeau, “dialeto qualifica a situação da existência de dialetos vizinhos, diferentes entre si, sem perder o seu parentesco”.

“Linguagem dialetal - é aquela que, relativamente a um tipo considerado padrão - ou seja, a língua comum - dispõe de menos prestígio social e uso mais restrito. Por isso, parece regional e rústica”. (SILVA NETO, 1977, p.19). Caracterizam-se as diferenças que não opõem a língua, mas com variedades de uma mesma língua, considerada de menos prestígio social.

No entanto, Zágari (2005, p. 48) explica “que língua se separa de dialeto apenas por fatores históricos, políticos, sociais, culturais e religiosos e não por diferenças linguísticas”. Essas razões levam a não se usar o termo língua e se adotar o termo variedade linguística de uma determinada área, o geoleto. Embora o português europeu ou brasileiro seja diversificado em variedades linguísticas menores, substancialmente inferiores, ocupando espaços geográficos mais ou menos definido, conjugam um conjunto de regras que não se divergem entre si. Ou seja, entre língua e dialeto não há superioridade, o que há são formas de falar concernentes a cada espaço geográfico.

Portanto, Mattoso apud Aragão (2009) faz um resumo exemplar das concepções dos dialetólogos do que seria língua, dialeto e falar, dizendo que os dialetos do ponto de vista linguístico são falares que apresentam traços linguísticos fundamentais. No entanto, acrescenta-se nos traços linguísticos um conceito extralinguístico de ordem psíquica, social ou política que, conjugando a um falar comum na comunicação e a uma língua culta superposta aos dialetos, já não se têm dialeto, porém línguas distintas.

Em Portugal, a prática dialectológica, segundo Cintra (1986, p. 49) “consiste em denominar dialeto para variedade que defina uma zona maior, reservando-se falar para variedade que ocupa apenas uma localidade, o localeto”. Cintra observou que dialeto é mais amplo, enquanto falar é restrito.

Falar, segundo Câmara Jr. (1968, p. 151), são “Línguas de pequenas regiões, através de um território lingüístico dado que se distinguem uma das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum”. Para este estudioso, o falar faz parte do sistema da língua, porém se diferencia diante do isolamento dos falantes com outras regiões, gerando falares específicos e consideráveis estaque de inovações.

O falar é resultante de uma expansão da língua comum, fato distinto da bimilenaridade do latim em solo lusitano, onde ocorreu, ao longo de alguns dos séculos, falta de contatos e não uma expansão gradativa de uma língua comum. Segundo Elia (1962, p.64), com relação ao isolamento de uma comunidade por ausência política, assim se expressa,

[...] vai tomando colorações locais de acordo com as condições geo-humanas de cada região [...]. A colonização, como pronunciada distância cultural entre metropolita e indígenas, não produziu os mesmos efeitos linguísticos que a romanização, resultante de uma conquista pelas armas e de uma assimilação parcial dos povos vencidos. As condições linguísticas da România não se podem, portanto, equiparar às da América. Por isso, é comum e legítimo aludir

a dialetos [...], mas a essa denominação é preferível, entre nós, o termo falar.

Falar seria a peculiaridade expressiva própria de uma região, que distingue um grupo humano do outro e não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto.

Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrônico, segundo Alvar (1958, p. 60):

[...] por ser um dialeto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-iam ainda distinguir, dentro dos falares regionais, os falares locais, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos “de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com caráter administrativos”.

Entretanto, Cunha; Cintra (1986, p. 4,5) preferem mencionar o termo dialeto em vez de falar, explicando que, “No entanto, à vista da dificuldade de caracterizar na prática tais modalidades diatópicas, empregaremos [...] o termo dialecto no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão.”

Em Dubois et al, (1993, p. 265, 266) encontra-se esta definição no que diz respeito de Falar:

1. Por oposição a dialeto, considerado como relativamente coeso sobre uma área muito extensa e delimitada por meio dos critérios linguísticos da dialetologia e da geografia linguística, o falar é um sistema de signos e de regras combinatórias definido por um quadro geográfico estreito (vale, por exemplo, ou aldeia) e no qual, de saída, o status social é indeterminado. Uma língua ou dialeto, estudados num ponto preciso, o são, pois, estudados como falares.

Diante dessas concepções de vários dialetólogos sobre falar, parece que falar e dialeto são sinônimos, mas não o são. Segundo Aragão (2009):

Dialeto implica modificações morfossintáticas, na estrutura da língua, chegando a haver incomunicação entre os diferentes dialetos de uma mesma língua. Falar são modificações superficiais: fonéticas e léxicas que não causam incomunicação. A língua portuguesa tem dialetos: o brasileiro, o de países africanos, e dentro de Portugal: o do Minho, do Algarve, etc.etc., mas o português do Brasil não tem dialetos, mas falares.

Concernente à designação dialeto, hoje, ampliou-se demais o seu campo semântico, em qualquer variação na língua quer seja de natureza horizontal, quer seja vertical. Como afirma Dino Preti (2000, p. 24), “as variações ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais”.

Conclui-se, portanto, que dialeto vem a ser o desvio na estrutura morfossintática e o falar é o desvio superficial na estrutura fonética e léxica.

### 2.3 OS ESTUDOS DIALETAIS NO BRASIL E SUAS DIVISÕES

A periodização na dialetologia brasileira tem como primeira manifestação a de Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, que se integrou ao Atlas Ethographique du globo, do geógrafo vêneta Adrien Balbi em 1826.

Dáí então, inicia a história dos estudos dialetais no Brasil, para os quais Nascentes (1952,1953) estabelece duas fases enquanto Cardoso/Ferreira (1994), marca três diferentes etapas.

A divisão de Nascentes (1952, p. 18) em dois números de ORBIS,<sup>1</sup> de 1952 e 1953, publica a sua proposta de divisão dos estudos dialectológicos no Brasil, mostrando que,

Pode-se dividir a história dos estudos dialectológicos no Brasil em duas fases: a primeira, de 1826, ano no qual o brasileiro Borges de Barros publicou um estudo no livro de Adrien Balbi, até 1920, ano da publicação do livro O dialeto caipira de Amadeu Amaral; a segunda, de 1920 aos nossos dias.

Ao propor esta divisão, caracterizada cada um dos períodos pela produção gerada, na primeira fase encontram-se trabalhos no campo do léxico dos quais constam glossários, vocabulários, léxicos, dicionários, estudos lexicográficos, apontamentos para vocabulário, termos e frases populares, estudos sobre o Tupi, em meio aos quais aparece um primeiro estudo de natureza gramatical, “O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil” de José Jorge Paranhos da Silva (1879). Para a segunda fase, estabelece como marco a publicação de “O dialeto caipira” de Amadeu de Amaral (1920), e reconhece como os momentos dos estudos dialetais se direcionam para a produção monográfica, observando a realidade de áreas específicas, ultrapassando o lexical, caminhando na direção dos níveis da fonética, morfologia, sintaxe e semântica.

“O linguajar carioca” em 1922 de Antenor Nascentes, também na segunda fase, nasceu da preocupação do autor com o processo de dialeção do português no Brasil, sobre o qual até aquela época pouco se sabia e pouco se tinha escrito de maneira sistemática. Trata-se da Fonética, da Morfologia, da Sintaxe, do Léxico, do Falar carioca, fornecendo ainda um Vocabulário de locução populares do Rio de Janeiro. Encerra o livro referindo-se ao glossário de termos próprios do carioca com esta observação: “ligeiro esboço que outros poderão melhorar”.

Outras contribuições podem ser reunidas em quatro grupos diferenciados:

---

<sup>1</sup> ORBIS es una revista electrónica científica, arbitrada con Indización internacional, de carácter independiente editada por la Fundación Unamuno, institución educativa, privada, sin fines de lucro, dedicada a la promoción de la ciencia.



No primeiro grupo estão os léxicos e glossários regionais que continuam a linha dominante da fase anterior; num segundo grupo reúnem-se obras de caráter geral que visam estudar o português do Brasil numa visão mais ampla e globalizante; integram o terceiro grupo, estudos de caráter regional, tratando de aspectos de uma área geográfica e de fenômenos específicos de uma região; ganhando destaque. considera-se no quarto grupo a contribuição africana para a formação dos falares.

Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi merecem destaque especial pelo trabalho realizado, pelo empenho na defesa da questão dialetal e pela contribuição definitiva na implantação dos estudos de geografia linguística no Brasil.

Assim, considera-se a primeira referência a estudos sistemáticos em: “O dialeto caipira”, de Amaral, (1920), seguindo-se “O linguajar carioca”, de Nascentes, (1922), e “A Língua do Nordeste”, de Marroquim, (1947).

A partir da década de 50, concentram-se os esforços de Silva Neto (1957), Nascentes (1958-1961) e Cunha (1970) para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, que chegou até a ser incluído, em 20 de março de 1952, no Decreto nº 30.643, cujo Art. 3º estabelecia-o como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa. Dez anos depois, a partir da década de 60, com Nelson Rossi e o primeiro Atlas estadual, o da Bahia, até chegar o Projeto do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, lançado em 1996, na Universidade Federal da Bahia, não houve mais interrupções.

A divisão de Cardoso e Ferreira tem como base identificar e demarcar as três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas. Ao admitirem as três fases para a Dialectologia em nosso país, as autoras reconhecem as duas fases definidas por Nascentes, e propõem uma terceira fase, iniciada em 1952, ano em que, com o Decreto 30.643, de 20 de março, o governo, ao definir as finalidades da comissão de Filologia da recém-criada Casa de Rui Barbosa, determinou a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Ressaltam a importância dessa fase em que não só se ratifica a mentalidade dialectológica preconizada por Serafim da Silva Neto (1957) no seu guia

para estudos dialectológicos no Brasil (1957), mas também se iniciam os trabalhos de natureza geolinguística, com as pesquisas para o “Atlas Prévio dos Falares Baianos” e com a sua publicação em 1963. Após esse primeiro Atlas, surgem outros de caráter regional, o que faz consolidar uma terceira fase, cuja ênfase recai sobre o desenvolvimento dos estudos geolinguísticos.

Houve uma parada de quase meio século, após o citado decreto, retomando em 1996, que pode ser vista como uma nova fase, a 4ª de acordo com a divisão de Cardoso e Ferreira (1994). Nessa fase surge o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) que, por iniciativa do grupo de pesquisadores em Dialectologia do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, durante o Seminário Nacional “Caminho e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil”, realizado em Salvador, Bahia, considera-se um marco por ter constituído um comitê nacional para coordená-lo, com a participação de autores dos Atlas Linguísticos Brasileiro já publicados e de um representante dos Atlas em andamento.

Inicialmente, participaram do Comitê Nacional do ALiB, os pesquisadores Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA), Presidente, Jacyra Andrade Mota (UFBA), Diretora Executiva, Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFC), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRS), Diretores Científicos. A partir de 2002, passaram a integrá-lo, como diretores científicos, Aparecida Negri Isquerdo (UFMS) e Abdelhak Razky (UFPA), aquela como representante dos Atlas em andamento, este como autor do Atlas Linguístico Sonoro do Pará, em 2004. Em 2005, Cléo Wilson Altenhofen (UFRS) integra-se ao Comitê Nacional, como Diretor Científico. Em 2008, por motivo de morte, sai do Comitê Nacional Walter Koch e o afastamento de Mário Roberto Lobuglio Zágari por restrições de saúde, assumindo Ana Paula Antunes Rocha.

Antenor Nascentes (1953, p.18), em “O linguajar Carioca” assim se expressa: “O falar brasileiro, apesar de sua relativa uniformidade, apresenta variações bem características”. Em seguida apresenta como causas desse fenômeno à enorme “extensão territorial sem fáceis comunicações interiores,” e “o modo diferente de povoamento das diversas regiões”.

Dessa “relativa unidade” do português do Brasil decorre a necessidade de conhecimento dos fatos que a sustentam, bem como da interpretação que já se tem feito, tendo em vista um mapeamento geolinguístico do país.

Nesse campo, são poucas as propostas, datando de fins do século XIX e primeira metade do XX. Nascente cita que Júlio Ribeiro em 1891, apresentou uma primeira tentativa de divisão dialetal do Brasil, fundamentada em critério geográfico. Essa divisão reúne o Norte com o Nordeste; separa Alagoas dos demais Estados nordestinos; põe ao lado de Alagoas, Sergipe e Bahia e numa mesma área Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo cujas peculiaridades culturais eram diversas, já naquela época. Percebe-se, ainda, que nenhum fato de natureza linguística seja declarado como elemento de base para a proposta. Nascentes cita, também, que Rodolfo Garcia propôs outra divisão, para a qual levou em consideração a continuidade territorial, os traços culturais dominantes, as possibilidades de comunicação, e o componente étnico de cada área. Entretanto, há na opinião de Nascentes, defeitos que decorrem da localização do Maranhão na região Norte, do fato de situar o rio de Janeiro e o Espírito Santo na zona central-marítima, de juntar, numa área, Minas Gerais e Mato Grosso.

Antenor Nascentes (1953, p. 53-54) em “O Linguajar Carioca”, fundamenta-se na proposta de Garcia, alterando-a nos pontos em que critica e apresenta a sua primeira proposta de divisão dialetal do Brasil, divisão que o próprio Nascentes reconheceu que, ao fazê-la “havia percorrido pequena parte do nosso território” a cujos resultados chegou depois a se expressar, “o ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí.” (NASCENTES, 1953, p. 24). Assim, propôs dois grandes grupos de falares - o do Norte e o do Sul - que envolvem seis subfalares, divididos por uma linha que se constitui:

[...] - da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no Estado do mesmo nome, passando cerca de Teófilo Otoni, Minas Novas, Bocaiúva, Serra da Mata da corda, Carmo do Paranaíba, rio Paranaíba, rio São Marcos, Arrendidos, Santa Luzia, Pirenópolis, rio Das Almas, Pilar, Foz do rio dos Araés, Cuiabá e Mato Grosso. (NASCENTES, 1953, p. 25).

Essa divisão se apresenta assim:

1. Grupo do Norte - Subfalares do Norte:

- o amazônico (Amazonas, Acre, Pará e parte de Goiás que vai da foz do rio Aquiqui à serra do Estrondo);
- o nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás da serra do Estrondo à nascente do rio Paraíba).

2. Grupo do Sul - Subfalares do Sul:

- o baiano, que descreve como intermediário entre os dois grupos (Sergipe, Bahia, Norte, Nordeste e Nordeste de Minas Gerais, Goiás da Nascente do rio Paraíba, passando pelas serras dos Javais, dos Xavantes, da Fanha e do Pilar até a cidade do Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luz e Arrendidos);
- o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, a parte da Mata e do Leste de Minas Gerais);
- o mineiro (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais);
- o sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro, Sul de Goiás e Mato Grosso).

3. Região incaracterística, Nascente (1953) assim define por ser praticamente despovoada, naquela época, que era a zona compreendida parte da fronteira boliviana e entre a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

A proposta de Nascentes constitui-se, a partir de fatos de natureza linguística, em delimitar áreas do português do Brasil. Naquele, então, não foi possível dados para a intercomparação e definição de isoglossas como disse Silva Neto “A divisão do nosso país em áreas lingüísticas esbarra diante de uma grande dificuldade: a falta de determinação de isoglossas.”

No entanto, hoje, os Atlas Linguísticos permitem a demarcação mais ou menos precisa das linhas isoglóssicas, caracterizadas por traços de conservação ou de inovação, em que a ocorrência de vestígios ou indícios muito contribui para o estudo de fatos diacrônicos. Nesse sentido, Silva Neto (1977, p. 65) acrescenta:

O avanço dos estudos de dialetologia diatópica, embora lento, a partir do estímulo, sobretudo teórico, inicial de Serafim da Silva Neto e de Celso Cunha, dos fins de 1950 para 1960, a concretização das pesquisas de campo, em áreas rurais, iniciadas na década de 1960 por Nelson Rossi, continuadas por ex-alunos seus, além de outros, em vários pontos do Brasil; o avanço dos estudos sociolinguísticos urbanos, a partir da década de 1970, iniciados no Rio de Janeiro, sob orientação de Anthony Naro, são sem dúvida, pontos de partida fundamentais para desfazer a ideologia da homogeneidade linguístico-brasileira

E continua: “Se nos detemos na dialeção social ou diastrática, entre meia-se (sic) às variações diatópicas o corte entre dialetos dos falantes das classes sociais mais altas em relação aos dos falantes das classes populares, com baixo nível de escolaridade ou sem escolaridade alguma.” (SILVA NETO 1977, p. 65)

É bem possível que nesse crescente entrecruzar-se entre campo e cidade a homogeneidade do português brasileiro venha a ser a dominante, mas hoje o que de fato se documenta é uma sutil diversidade dialetal no léxico e maior na fonética.

## 2.4 GEOLINGUÍSTICA E OS ATLAS LINGUÍSTICOS

Os Atlas Linguísticos têm como objeto e como fonte de estudo a linguagem oral coloquial, coletada de forma informal. Para isto, os Atlas servem-se das fontes orais conseguidas por meio de entrevistas organizadas sob a forma de questionário, cujas questões trazem interesse por fatos fonéticos, fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos.

Todavia a dialetologia não deve ser confundida com a geografia linguística ou geolinguística, esta é um método utilizado pela dialetologia e aquela trata das variações regionais de uma língua. Com certeza, os Atlas linguísticos sempre foram metas principais dos dialetólogos. Assim se pronunciou Alvar (1958, p. 85).

O grande interesse do Atlas está na grande massa de materiais que oferecem agrupados, mas, ainda penso, que, sobretudo, nas múltiplas surpresas que oferece. A busca, sobre o terreno, dá generosamente frutos para todos os lados. A descoberta de novos motivos de investigação e o levantamento incessante de problemas são dados que depõem em seu favor. As descobertas feitas por um atlas são como brechas na muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado. E será necessário voltar sobre a brecha para ampliá-la e encontrar o fruto perseguido.

Rossi (1967) afirma que os Atlas linguísticos são fontes autênticas dos dados regionais, apontando os trabalhos monográficos dialetais que aprofundam a análise do dialeto de uma ou mais localidades, tornando mais conhecida a realidade linguística do país. Os Atlas e as monografias contribuem para que mais amplamente se conheça a diversidade linguística do Brasil, mas a falta de recursos e de elementos com especialidades para a descrição reduz a sua complementaridade.

Segundo Brandão (1991, p. 25):

Atlas é um conjunto de mapas em que se registram diferentes realizações de traços fonéticos, lexicais e morfossintáticos, que caracterizam uma língua no seu sistema lingüístico, configurando em dialetos ou falares num determinado espaço geográfico.

A construção de um Atlas é feita através da aplicação de questionário para a coleta de dados, os quais são fundamentais para se ter não só um conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira mas também serve de fio condutor da investigação por conter variáveis lingüísticas que devidamente selecionadas permitirão que se caracterizem as áreas dialetais.

Um Atlas linguístico fornece uma imagem multidimensional. Apresenta onde e como se dão as variáveis fonéticas, lexicais no espaço físico e social. As cartas linguísticas favorecem a leitura desse complexo linguístico.

Os Atlas justificam três argumentos para a sua construção: no que diz respeito à: pesquisa linguística variacionista (fonética, morfossintática, lexical); História da língua (documentação); política linguística (política de ensino) citado por (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 112).

A amplitude da diversidade linguística estampada em Atlas, após passar por toda metodologia para a sua construção pode não apenas fornecer ao professor uma orientação sincrônica de como o português é falado nas diferentes regiões do Brasil, informação que poderá ser aproveitada nas suas aulas de português, como também fornecer aos pesquisadores linguístas, aos gramáticos, aos sociólogos, aos antropólogos, aos geógrafos, aos historiadores, e demais áreas de conhecimento, um preciso material para fazer análises e usufruir de informações para as suas produções.

Devemos ao grande dialetólogo suíço Jules Gilliéron o aperfeiçoamento das pesquisas dialetais, ou seja, a geolinguística.

Pode-se constatar a vitalidade do método geolinguístico pelo número expressivo de Atlas Linguísticos que se elaboraram e ainda se elaboram na Europa e nas Américas onde as idéias de Gilliéron se propagaram e se redimensionaram e mesmo depois de um século ainda se mostram de excepcional utilidade para o conhecimento das variedades regionais de uma língua.

Hoje, por geografia linguística ou geolinguística entende-se:

[...] “o método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas

no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares”. (COSERIU, 1982, p. 105)

Na Dialectologia inicial, os informantes, respondiam a um questionário que lhes oferecia a possibilidade de obter, como resposta, um único vocábulo. Na situação atual se modificou. Mesmo que os questionários se tenham mantido, a conversação se tornou mais à vontade, menos dirigida; por um lado mantém um fio condutor, capaz de facilitar a coleta de material, por outro, permite ao interlocutor contar seus casos e suas histórias.

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios integrados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional, monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, que predominou na geolinguística hoje rotulada de “tradicional”.

Supera-se, no final do século XX no Brasil, a suposta crise da geolingüística românica contemporânea, observada por Radtke e Thun (1991, p. 49). Em texto apresentado em simpósio realizado em Heidelberg, em outubro de 1991, contam:

Os resultados principais de nosso Simpósio, que surpreenderam a alguns participantes, podem ser assim resumidos: a geografia linguística está se convertendo em uma abarcadora ciência da variação, (...) Resta-lhe conquistar os níveis mais complexos da estrutura lingüística. Que mantenha, então, um olhar para o realizável e que conserve a base empírica que a salvou de todas as crises, verdadeiras ou supostas.

Na geolinguística pluridimensional contemporânea, acrescenta-se ao parâmetro diatópico, prioritário, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica, a diastrática, a diageracional. E para atender a tal exigência, incluem-se informantes dos dois gêneros de diferentes estratos sociais e de mais de uma faixa etária.

A nova fase da geolinguística se percebe, ainda:



a) pela ampliação do campo de estudo que não se restringe mais aos dados fonético-fonológico-semânticos, como, em geral, nos atlas tradicionais, incorporando dados morfossintáticos, pragmático-discursivo, metalingüísticos etc., tal como prevista na metodologia do ALiB e em alguns projetos em andamento; b) pela própria apresentação dos dados que nos atlas atuais, ditos 2ª e 3ª gerações, se fazem acompanhar de comentários lingüísticos e de CDs que reproduzem a voz do informante, na localidade em que ela foi registrada, como por exemplo, no ALISPA. (MOTA, 2006, p. 23)

Com o crescimento da atividade Geolinguística no Brasil, verifica-se uma ligação com o Projeto ALiB, no sentido de ampliar o interesse pela Geolinguística e agregar um maior número de pesquisadores, de modo a superar as atividades de um projeto de âmbito nacional. As reuniões nacionais realizadas em diferentes universidades, os cinco workshops para discussão de técnicas e métodos de trabalho de campo e preparação de inquiridores, a presença de membros do comitê em reuniões científicas nacionais e internacionais são exemplos de atividades relacionadas ao desenvolvimento do Projeto ALiB.

A Dialectologia no Brasil continua expandindo-se em todos os ângulos incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos, apesar das dificuldades por que sempre enfrentou, sobretudo no que diz respeito à falta de recursos. O avanço desse caminho só tem sido possível graças ao esforço de um grupo de pesquisadores que fez da dialectologia, em especial a geolinguística, o objeto maior de seus estudos.

Os Atlas Linguísticos Regionais apresentam uma metodologia com modelos propostos pelos dialectólogos e geolinguísticas do mundo, porém com algumas diferenças nos métodos e técnicas empregados.

Essas diferenças, segundo Aragão, (2006, p. 36), podem ser listadas, assim:

[...] em termos de escolha das localidades, critérios de escolha dos informantes, tipos de questionários, campos semânticos abrangidos pelos questionários semântico-lexicais, tipos de publicação, tipos de

cartas apresentadas, número de cartas, tipos de comentários das cartas, metodologia em separado ou no próprio corpo do atlas, enfim, pequenos ou grandes detalhes que vão individualizar cada um dos Atlas Regionais Brasileiros.

Dessa forma, o Brasil já possui, até o momento, dezoito Atlas Linguísticos realizados, dos quais nove publicados.<sup>2</sup>

Os Atlas Linguísticos estaduais brasileiros publicados são:

1. Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963).
2. Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977).
3. Atlas Linguístico da Paraíba (1984).
4. Atlas Linguístico de Sergipe (1987).
5. Atlas Linguístico do Paraná (1994).
6. Atlas Linguístico de Sergipe II (2002).
7. Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (2004).
8. Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (2002), (o único Atlas Regional brasileiro).
9. Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (2007)

Os nove últimos Atlas elaborados, mas ainda não publicados são:

1. Atlas Linguístico do Ceará.
2. Atlas Linguístico do Amazonas, tese defendida na UFRJ em 2004.
3. Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara, dissertação defendida na UFRJ em 2006.
4. Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS: Um Registro das Línguas em contato na Fronteira do Brasil com o Paraguai, dissertação defendida na UFMS em 2006.
5. Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar, tese defendida na UFRJ em 2007;
6. Atlas Linguístico do Paraná II, tese defendida na UEL em 2007.

---

<sup>2</sup> Informação fornecida por Aragão.

7. Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, tese defendida na UFRJ em 2008.
8. Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, dissertação defendida na UFMS em 2009.
9. Atlas Linguístico-Lexical de Iguatu-CE, dissertação defendida na UFC em 2009.

Outros tantos Atlas estaduais encontram-se em fase avançada ou inicial de elaboração, como:

- Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro.
- Atlas Linguístico de São Paulo.
- Atlas Linguístico do Acre.
- Atlas Linguístico do Mato Grosso.
- Atlas Linguístico do Espírito Santo.
  
- Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará.
- Atlas Linguístico do Maranhão.
- Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte.
- Atlas Linguístico do Piauí.
- Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO).
- Atlas Linguístico-contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H): Hunsrückisch.

Outros Atlas em elaboração como Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado, são:

- Atlas Linguístico da Mesorregião do Oeste Potiguar, de Moisés Batista da Silva, como Tese de Doutorado na UFC.
- Atlas Linguístico do Oeste de São Paulo (Dissertação).
- Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Oeste do Paraná (Tese).

- Para um Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (Dissertação) – UEL.
- Atlas Semântico-lexical da Região do Grande ABC, São Paulo, (USP).
- Atlas Linguístico da Ilha de Marajó, (Dissertação)- UFPA.
- Atlas Linguístico de Adrianópolis-PR, (Dissertação) – UEL.
- Atlas Linguístico de Ortigueira – PR, (Dissertação) – UEL.
- Atlas Linguístico do Oeste Paulista (Dissertação – UEL.
- Esboço de um Atlas Linguístico de Mato Grosso: um registro da língua falada na mesorregião Sudeste, (Dissertação) - UFMS.

Mediante este quadro percebe-se que o sonho de Antenor Nascentes e Serafim da Silva Neto, vai sendo realizado, concretizando-se com a realização do Atlas Linguístico do Brasil, que se encontra em desenvolvimento.

Lembrando as raízes do projeto Atlas Linguístico do Brasil, dialetólogos, como Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha, Nelson Rossi, procuraram nos primórdios, fazer nascer entre nós o interesse pela Geolinguística, que na Europa já caminhava em ritmo acelerado desde finais do século XIX, firmando-se no início do século XX, com o Atlas Linguistique de la France (1902-1910), elaborado por Gilliéron.

Diante desses acontecimentos lá fora, aqui no Brasil, começou empreendimento que conduzisse à concretização de um Atlas Linguístico Brasileiro, visto que o português já era uma língua majoritária. Daí foram surgindo empreendimentos, tais como:

(1) a publicação de obras, que forneciam bases metodológicas para o trabalho - NASCENTES, Antenor. Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol. II, 1961:

(2) SILVA NETO, Serafim da. Guia para estudos dialectológicos. 2ª ed., Belém: Conselho Nacional de Pesquisa, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957 -;

(3) o empenho de Serafim da Silva Neto para as Faculdades de Filosofia, leia-se, hoje, os Cursos de Letras, ministrassem a cada ano um curso de Dialectologia Brasileira; e

(4) a tentativa de formação de quadros especializados, com o curso ministrado, por Sever Pop, no Rio de Janeiro, em 1954. As ações dessa natureza junta-se a atuação do Governo Brasileiro que, reconhecendo a importância de uma descrição da língua portuguesa no Brasil, estabelece, por decreto, entre as funções da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a de realizar esse atlas nacional, determinação, assim, expressa no Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952 - promulgado no 131º da Independência e no 64º da República por Getúlio Vargas, tendo como Ministro da Educação e Cultura Ernesto Simões Filho (CARDOSO, p. 27-28).

Numa visão clara da realidade daquela época, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha (1957) vendo a impossibilidade de realização de um Atlas nacional, indicavam o caminho de construção de Atlas regionais para depois juntá-los e formar um Atlas nacional, tendo em vista a extensão territorial do país e a falta de estradas, entre outras circunstâncias. Essa posição foi assumida em 1957, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa.

Doravante, Antenor Nascentes<sup>3</sup>, apud Cardoso (1996), no ano seguinte, surgem os Atlas regionais – firmando-se as Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil:

Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto [...]

---

<sup>3</sup> NASCENTES, A. O linguajar carioca. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

Por motivos maiores, houve uma parada por meio século, retomando-se a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB no Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996.

Diante deste contexto, assume a sua dimensão documentar o país de Norte a Sul, de Leste a Oeste, e como disse Nascentes, “do Oiapoque ao Chuí”: são 250 pontos a constituírem a sua rede de localidades que reunirão 1.100 informantes a serem documentados.

Para uma reflexão geográfico-espacial com o objetivo de nos lembrar das nossas dimensões das quais decorrem as dificuldades, de toda ordem, para vencê-las - descreve Cardoso, (2006, p.29).

[...] o Brasil tem dos seus 8.511.000 km<sup>2</sup> uma pequena parte encoberta e descrita pelos estudos geolinguísticos. São nove Estados - Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará e Amazonas. O resultado da soma de tais Estados - 4.514.144 km<sup>2</sup> - demonstra que ainda se está longe de atingir a descrição completa do território brasileiro no que diz respeito às línguas que nele permeiam e especificamente no que se refere aos variados usos da língua portuguesa. Nada obstante, o que já se tem de informação cartografada, segundo os princípios da Geolinguística, equivale, por exemplo, às áreas da Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Bélgica, Itália, Suíça, Alemanha e Áustria reunidas.

Dessa forma, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil pode ser entendido como um conjunto de subprojetos integrados, mas “ele é um projeto sozinho, sem levar em conta os outros já publicados” (ARAGÃO, 2009).

O Projeto ALiB inicia-se em novembro de 1996 por ocasião do Seminário “Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil”, realizado em Salvador na UFBA, de 4 a 8 de novembro, daquele ano. A partir daí, foi criado o Comitê Nacional e traçadas as etapas, seguindo os objetivos:

- Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semântica e prosódica) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, dentre outras) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e o ensino médio, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
- Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas lingüísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.
- Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outras áreas do conhecimento afins – história, sociologia, antropologia e outras -, de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
- Oferecer aos interessados nos estudos lingüísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicólogos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos professores aprofundarem o
- conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.

- Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

O primeiro questionário foi publicado pela Universidade Estadual de Londrina em 1998, havendo modificações na sua versão 2001, publicado pela mesma Universidade.

Atualmente, é constituído de três partes:

a) Fonético-Fonológico (QFF), com 159 perguntas, com 11 questões sobre prosódia, envolvendo frases interrogativas, afirmativas e imperativas;

b) Semântico-Lexical (QSL), com 202 perguntas, envolvendo os campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana;

c) Morfossintático (QMS) com 49 perguntas envolvendo artigo, substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, além disso, questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e texto para leitura. Para a sua elaboração foram considerados os estudos já existentes sobre Dialectologia no Brasil, questionários dos Atlas já publicados e dos Atlas em andamento, e também os questionários do ALiR-Atlas Linguistique Roman e do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza.

Atualmente o Comitê Nacional vem reunindo, com disciplina, toda a sua equipe não só para traçar diretrizes, métodos e técnicas de pesquisa a serem utilizadas e treinamento dos pesquisadores, como também para avaliar em que ponto se encontram os trabalhos e seus efeitos. Para tal se realizam vários seminários e Workshops em várias cidades do país, confirmando assim o compromisso acadêmico que se planejou, há mais de meio século, para com a língua portuguesa no Brasil.



As pesquisas geolinguísticas serão, sem dúvida, um marco na história dos estudos dialetais no Brasil e, conseqüentemente, na concretização do Atlas Linguístico do Brasil.

### 3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se baseia nos princípios teórico-metodológicos da Geolinguística, princípios esses coerentes e condizentes com a meta que se persegue, pois, segundo Coseriu (1982, p. 79), a Geolinguística

[...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.<sup>1</sup>

O Projeto Almaspe segue “princípios metodológicos comuns que assegurem uma recolha de dados debaixo dos mesmos parâmetros, passíveis de tratamento coletivo” Cardoso et. al (2000, p. 12). O Almaspe seguiu a mesma metodologia adotada pelo Projeto ALiB, observando, contudo, que os dados socioeconômico-culturais são os mesmos na região, razão por que não houve acréscimo algum aos questionários propostos pelo ALiB.

Baseado no exposto e buscando a consecução de seus objetivos, o Projeto Almaspe, foi feito seguindo os seguintes parâmetros.

#### 3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Tendo em vista os objetivos que se pretendeu atingir e a natureza das informações que foram embasadas os pressupostos teórico-metodológicos que direcionaram a pesquisa, foi necessário realizar uma ampla pesquisa bibliográfica, em diferentes direções, que possibilitou não só o conhecimento do que já foi feito nos âmbitos internacional, nacional, regional e local, mas também a correta compreensão e

execução do trabalho. Neste sentido, a pesquisa bibliográfica buscou contribuições nos campos do (a) s:

- Atlas linguísticos tanto internacionais (especialmente aqueles que cobrem áreas de línguas românicas) como nacionais.
- Dialectologia e especificamente da Geolinguística, em função das diferentes tendências que se delineiam, atualmente, para a metodologia da pesquisa dialetal.
- Linguística Geral, pelo amplo aporte que oferece aos diversos níveis de abordagem no âmbito das pesquisas dialetais.
- Lexicologia e Lexicografia, pela contribuição que podem dar à pesquisa, devido à natureza léxico-semântica dos dados registrados nos Atlas.
- História, Geografia, por fornecerem dados essenciais ao conhecimento específico das localidades pesquisadas.

(PROJETO ALiPI, 2006, p. 19)

### 3.2 DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* do Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco foi constituído por materiais resultantes da recolha de dados em 06 localidades e 24 informantes.

#### 3.2.1 REDE DE PONTOS

O estabelecimento da rede de pontos levou em consideração os seguintes fatos:

- a) Para efeito da elaboração do Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco, a rede de pontos ficou com o total de seis municípios, distribuídos espacialmente de acordo com a divisão regional do Estado de Pernambuco, adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE.
- b) Dentre as 21 cidades que totalizam a microrregião Mata Sul Pernambucana, foram escolhidas seis cidades, levando em consideração os pontos cardeais Norte/Sul, Leste/Oeste, Noroeste, Nordeste e Sudeste, obedecendo a ordem

de numeração de 1 a 6, sendo incluídos os municípios limítrofes em que as cidades da rede estão localizadas.

Quadro 1 – Localização

Cidades	Estado	Mesorregião	Microrregião	Municípios limítrofes	Distância da capital
1- Ribeirão	Pernambuco	Mata Pernambucana	Mata Meridional	(N.) Amaraji, Primavera, Escada; (O.) Cortês, Joaquim Nabuco; (L.) Sirinhaém; (S.) Gameleira	82 km
2- Sirinhaém	Pernambuco	Mata Pernambucana	Mata Meridional	(N.) Escada; (S.) Rio Formoso; (L.) Oceano Atlântico; (O.) Ribeirão e Gameleira	65 km
3- Belém de Maria	Pernambuco	Mata Pernambucana	Mata Meridional		

(N.) Bonito (Agreste) (S.) Catende; (L.) Catende; (O.) São Joaquim do Monte, Lagoa dos Gatos e Cupira (Agreste)		120 km			
4- Palmares	Pernambuco	Mata Pernambucana	Mata Meridional	(N.) Bonito (Agreste); (E) e (N.E) Joaquim Nabuco; (S) Xexéu; (O.) Catende; (S.E) Água Preta	128 km
5- Barreiros	Pernambuco	Mata Pernambucana	Mata Meridional	(N.) Rio Formoso e Tamandaré; (S.) São José da Coroa Grande e Estado de Alagoas; (L.) Oceano Atlântico; (O.) Água Preta	91 km

6-São Benedito do Sul	Pernambuco	Mata Pernambucana	Mata Meridional	(N.) Lagoa dos Gatos; (S.) Estado das Alagoas; (L.) Maraijal e Jaqueira; (O.) Quipapá e Panelas	169 km
-----------------------	------------	-------------------	-----------------	--	--------

FONTE: WIKIPÉDIA

Quadro 2 – Características Geográficas

Cidades	Área Km <sup>2</sup>	População <sup>2</sup> hab.	Densidade Hab/km <sup>2</sup>	Altitude (m)	Clima	Fuso Horário
1- Ribeirão	287,99	39.548	143,64	97	Tropical úmido	UTC-3
2- Sirinhaém	378	38.122	96,2	49	Tropical chuvoso com verão seco As'	UTC-3
3- Belém de Maria	69	9.797	145	227	Tropical As	UTC-3
4- Palmares	376,29	58.584	161,56	125	Meso térmico sempre úmido com verões quentes cfa.	UTC-3

5- Barreiros	233	43.502	180	22	Tropical úmido As.	UTC-3
6- São Benedito do Sul	208,4	9.989	50,3	474	Quente e úmido	UTC-3

<sup>2</sup> FONTES: IBGE (publicado pelo IBGE em 29/08/2008)

### 3.2.2 INQUIRIDORES

Foram escolhidos alunos do IV, V, VI e VII períodos do curso de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul-FAMASUL onde leciono, para serem inquiridores. Estes alunos moram nas cidades da rede de pontos. Foram treinados e sempre orientados para a escolha dos informantes e para as entrevistas, seguindo a orientação do ALiB, obedecendo às instruções de: como conduzir a preparação para ir à entrevista; ler várias vezes as instruções sobre: as atitudes gerais do investigador; as atitudes na casa ou no local que se encontra o informante; como se comportar durante a entrevista.

Assim sendo, ficou um total de quinze inquiridores. Para uma melhor visão, detalhei-os no seguinte quadro:

Quadro 3 – Inquiridores

Localidades	Nomes	Períodos – 2008-1
1-Ribeirão	Josefa Ferreira da Silva	V
1-Ribeirão	Geruza Ferreira da Silva	VI
1-Ribeirão	Jeremias Cosmo Silva dos Santos	VII
2- Sirinhaém	Leni Alves de Lima	VII
2- Sirinhaém	Maria José da Silva	VII

3-Belém de Maria	Ketymar Elvia Gomes	IV
3- Belém de Maria	Silva Melo	
	Edilene Maria Oliveira de Almeida	Professora Mestranda
	Edilene Maria de Lima	VII
4- Palmares	Edilene Maria Oliveira de Almeida	Professora Mestranda
5- Barreiros	Erivânia Maria Alves de Lima	V
5- Barreiros	Oziane Vanessa Silva dos Santos	V
5- Barreiros	Renata Patrícia Nascimento da Silva	V
5- Barreiros	Thiago Fernandes Carneiro Rocha	V
6- São Benedito do Sul	Márcia Rosângela Neves de Araújo	VI
6- São Benedito do Sul	Iracema Laurinda Rodrigues	VI
6- São Benedito do Sul	Josileide Nunes Gonsalves	VI

### 3.2.3 INFORMANTES

A seleção dos informantes foi feita a partir dos seguintes critérios:

a) Variação regional ou diatópica: os informantes são naturais da localidade linguística pesquisada, sendo que alguns chegaram na cidade com menos de 8 anos, porém seus pais são naturais da mesma localidade.

c) Variação diastrática ou social:

- variação diageracional – foram selecionados informantes de duas faixas etárias: faixa I, mais jovem, de 18 a 30 anos, e faixa II, mais velha, de 40 a 65 anos;



- variação diasssexual ou diagenérica – os informantes em número de quatro em cada ponto – distribuem-se igualmente pelos dois sexos, em cada localidade, perfazendo um total de 12 homens e 12 mulheres;

Quanto à escolaridade utilizamos informantes de 1ª a 8ª séries.

Seguindo a orientação do Projeto ALiB, foi atribuída uma numeração aos informantes: os homens receberam números ímpares e as mulheres, números pares. Quanto às faixas etárias, os números 1 e 2 de cada localidade foram para os indivíduos da faixa I, compreendendo 18 a 30 anos e os números 3 e 4, para os da faixa II, compreendendo 40 a 65 anos o que possibilitou obter-se a seguinte configuração:

Faixa I	1		2	18 a 30 anos
	—			
Faixa II	3		4	40 a 65 anos

Homens    Mulheres

O quadro seguinte apresenta dados gerais sobre os informantes:

Quadro 4 – Informantes

Localidades	Informantes	Faixa diagenérica	Faixa etária	Escolaridade	Profissão	Estado civil
01	M.A.D.	II/3 M	47	4ª	Autônomo	Casado
01	M. S. S.	II/4 F	56	2ª	Serviços Gerais	Viúva
01	M.N.S.	I/1 M	29	1ª	Escola	Casado
01	M. J. C. S.	I/2 F	24	4ª	-	Solteira

02	C. F. S.	II/3 M	46	4 <sup>a</sup>	Usina	Casado
02	M. J. S. S.	II/4 F	53	4 <sup>a</sup>	-	Solteira
02	L. S. P.	I/1 M	30	4 <sup>a</sup>	Usina	Casado
02	D. A. S.	I/2 F	30	6 <sup>a</sup>	Vendedora	Solteira
03	E. M. G.	II/4 F	49	Fundamental II	Doméstica	Viúva
03	M. V. L.	II/3 M	56	8 <sup>a</sup>	Fotógrafo	Viúvo
03	A. J. F.	I/1 M	29	Fundamental I	Mototaxista	Solteiro
03	A. M. S.	I/2 F	30	8 <sup>a</sup>	Escola	Casada
04	J. E. G. C.	II/3 M	51	4 <sup>a</sup>	Escola	Casado
04	M. J. A.	II/4 F	60	1 <sup>a</sup>	Doméstica	Viúva
04	M. C. L. S.	I/2 F	19	7 <sup>a</sup>	Babá	Junta
04	J. P. S. F.	I/1 M	18	7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup>	Pedreiro	Solteiro
05	D. J. O.	II/3 M	60	8 <sup>a</sup>	Hospital	Casado
05	G. M. A. L.	II/4 F	40	6 <sup>a</sup>	No lar	Casada
05	F. L. R.	I/1 M	30	7 <sup>a</sup>	Autônomo	Solteiro
05	C. E. S.	I/2 F	30	8 <sup>a</sup>	Doméstica	Solteira
06	O. M. C.	II/3 M	60	3 <sup>a</sup>	Escola	Solteiro
06	M. V. Z. C.	II/4 F	47	7 <sup>a</sup>	Escola	Casada
06	S. K. N.	I/2 F	18	8 <sup>a</sup>	Doméstica	Solteira
06	E. G. M.	I/1 M	25	8 <sup>a</sup>	Motorista	Solteiro

### 3.3 COLETA DE DADOS: OS QUESTIONÁRIOS

A pesquisa de campo se situou em várias etapas: identificação do universo da pesquisa, seleção dos informantes, realização de inquéritos experimentais e definitivos.

A identificação do universo da pesquisa realizou-se com os alunos inquiridores do curso de Letras da FAMASUL do IV, V, VI e VII períodos, estes alunos moram nas localidades, que são as cidades onde residem, escolhendo pessoas dentro do perfil da pesquisa, informando-as sobre a finalidade do trabalho e da destinação do material a ser recolhido. Este relacionamento já existente entre inquiridor e informante propiciou clima benéfico para a realização da entrevista, realizando inquéritos experimentais e definitivos. Os inquéritos experimentais tiveram como objetivo consertar e observar possíveis problemas que viessem a ocorrer. A realização dos inquéritos definitivos consistiu em refazer o que apresentou falha, como preenchimento das fichas de informantes, da localidade, da aplicação dos questionários e falhas nas gravações.

As entrevistas ocorreram em residência, no trabalho, em escola e na casa de amigas onde os informantes se sentiram bem à vontade. Os inquiridores proporcionaram condição e recursos para que os informantes não se sentissem inibidos, conduzindo como se fosse uma conversa informal entre amigos, sem parecer que era uma entrevista, apenas informação da existência ou não das palavras perguntadas, e instigando se há para a mesma coisa outras formas de uso, a fim de coletar as variantes semântico-lexicais na região. Foi instalado um clima propício com o gravador e os objetos já existentes no ambiente sobre os quais eram indagados, além dos instrumentos de realia, apresentados pelos inquiridores.

A duração de cada entrevista variou de duas a quatro horas, havendo parado num dia e continuado no outro, ocorrendo, aproximadamente, 86 horas de gravações.

O questionário que foi adotado é o do ALiB, editado em 2001, que está dividido em 14 campos semânticos, correspondendo ao QSL – questionário semântico-lexical: Acidentes Geográficos (6), Fenômenos Atmosféricos (15), Astros e Tempo (17)

Atividades Agropastoris (25), Fauna (25), Corpo Humano (32), Ciclos da Vida (15), Convívio e Comportamento Social (11), Religião e Crenças (8), Jogos e Diversões Infantis (13), Habitação (8), Alimentação e Cozinha (12), Vestuário e Acessórios (6),

Vida Urbana (9), totalizando 202 perguntas, às quais o informante respondeu, conforme a sua realidade, embora deixando de responder algumas questões, alegando não saber ou haver-se esquecido. Nesse caso, no final, voltavam-se às perguntas com as respostas vazias, recuperando umas, outras não.

Os dados do QSL-Questionário Semântico-Lexical, foram transcritos ortograficamente, levando em consideração o registro das variações em uso da região.

De posse das entrevistas gravadas, foram feitas as transcrições ortográficas, e conferidas às fichas de cada localidade com os quatro informantes, posteriormente, este material passou por uma seleção para escolha de vocábulos, que passaram a compor as cartas linguísticas lexicais.

### 3.4 ORGANIZAÇÃO TÉCNICA DO MATERIAL

A recolha dos materiais de campo foi feita por meio de:

- a) gravação de dados em gravador Digital MP3 Player SF – BO11GB, depois passado para *CD*;
- b) registro escrito de informações sobre informantes e localidades em fichas específicas para cada um dos casos.

A ficha do informante objetivou não só identificar o falante alvo da gravação, mas também situá-lo sociolinguisticamente. A ficha de localidade, por sua vez, tem como objetivo descrever a realidade da área pesquisada, visto que contêm dados que permitem o estabelecimento de relações necessárias à interpretação dos fatos linguísticos.

A gravação de dados foi feita *in loco* e diretamente a cada um dos informantes. Imediatamente, esses dados foram submetidos ao processo de transcrição ortográfica.

Todos os materiais de campo foram arquivados, obedecendo a um rigoroso processo de identificação e catalogação, de forma a garantir o acesso imediato e seguro para análise e consulta, seguindo os modelos do ALiB.

### 3.5 PERFIL HISTÓRICO DOS MUNICÍPIOS INVESTIGADOS<sup>4</sup>

Os inquéritos foram realizados nos municípios citados no quadro (1), região da Mata Sul Pernambucana. Foi preenchida uma ficha para cada município, contendo os dados da localidade e dos informantes, conforme o modelo do ALiB.

#### **Ribeirão – Ponto 01**

Ribeirão é o nome oficial. Seus habitantes são chamados de ribeirãoenses. É apelidada como Princesa dos Canaviais, por ser a cana de açúcar a base de sua economia. Atualmente, contém 39.548 habitantes, distribuídos em 287,99 km<sup>2</sup>, distante da capital por 82 km.

O município de Ribeirão pertencia à Gameleira, era então habitado por índios Cariris e Uruás. Com o passar do tempo, surgiu um aglomerado de casas populares construídas em torno de uma capela sob a invocação de Santana, seguindo a tradição local.

Dáí surgiu o Engenho Ribeirão, ao lado de um riacho, originando o nome Ribeirão. Por se tratar de um lugar desenvolvido à base de cana-de-açúcar e da necessidade dessa cultura, foi construída uma usina de açúcar recebendo o nome de Usina Pinto, depois passou a chamar-se de Usina Ribeirão. Com o desenvolvimento natural e o crescimento da população, foi criado o distrito de Ribeirão pela Lei Municipal de 19 de agosto de 1895, que pertencia ao município de Gameleira.

---

<sup>4</sup> Informações fornecidas pelos alunos do “Gelmasul” da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul-FAMASUL, em 2004.

Com a Lei estadual nº 1931 de 11 de setembro de 1928, ocorreu a Emancipação Política e Econômica do município.

### **Sirinhaém - Ponto 02**

Sirinhaém é o nome oficial. Anteriormente era chamada de “Formosa”. Seus habitantes são chamados de sirinhaenses ou serinhadora. A população do município é de 38.122 habitantes em 2008, distribuídos numa área de 378 km<sup>2</sup>.

No século XVII, teve início o povoamento da vila de Sirinhaém com ocupação pelas famílias Accioly, Lins, Siqueira, Uchoa, Peres, Campelo e Barros.

A palavra Sirinhaém é de origem indígena da língua Tupi e significa “bacia ou viveiro de siris”, originada de “Sirihãe”, posteriormente adotou-se a grafia Sirinhaém.

A sede do município foi elevada à categoria de cidade, em 12 de junho de 1895 pela Lei Estadual nº100 da mesma data.

Sirinhaém faz parte da História de Pernambuco pelos marcos históricos da guerra contra os holandeses, através de Matias de Albuquerque contra o General Holandês Sigismundo von Schkoppe, isto ocorreu em 11 de abril de 1635. Em 1636, Henrique Dias teve participação para expulsar os holandeses de Sirinhaém.

Nas revoluções liberais de 1710, 1817, 1824 e também na rebelião praieira de 1848, Sirinhaém se destacou e seu nome ficou ligado à história do Brasil.

### **Belém de Maria - Ponto 03**

Belém de Maria é o nome oficial, tendo como nome anterior de Capoeira. Seus habitantes são chamados de belenenses. Atualmente possui 9.797 habitantes, distribuídos em 69km<sup>2</sup>, distante da capital por 120 km.

O povoado surgiu através dos Bandeirantes, pessoas que eram deixadas em vários lugares às margens do rio Una. Eram pessoas fracas e magras, negros (escravos), que serviam para transportar mercadorias e as pessoas importantes como: patrão senhor de engenho. Existiu um senhor de posses chamado Tibúrcio que plantava muito café, deu seu próprio nome a vila de Tibúrcio, hoje é à Vila de Batateira.

Belém de Maria foi distrito de Bonito por volta de 1910, também se vinculou ao município de Lagoa dos Gatos como um dos seus distritos, assim também se incorporou ao município de Catende, daí então se tornou município autônomo por Lei nº 3.340 de 31 de dezembro de 1958. Todavia a instalação da nova comunidade ocorreu no dia 3 de maio de 1962.

#### **Palmares - Ponto 04**

Palmares é o nome oficial, anteriormente, teve os nomes de Povoado dos Montes, Una, Trombetas. Também é conhecida por Atenas Pernambucana e Terra dos Poetas por ter sido berço de renomados e importantes poetas pernambucanos como: Ascenso Ferreira, Hermilo Borba Filho. Seus habitantes são chamados de palmarenses. Atualmente tem 58.584 habitantes, distribuídos em 376,29 km<sup>2</sup>, distante da capital por 128 km.

Palmares é uma das cidades mais tradicionais de Pernambuco. Destaca-se na história a rebelião dos negros, fato ocorrido na guerra Holandesa no século XVII, em Pernambuco, quando naquela ocasião, os escravos formaram uma república independente, sob a confederação dos Quilombos, que recebeu a denominação de República dos Palmares.

No começo do século XIX, a região, onde fica hoje a cidade de Palmares, era uma aldeia dos índios Trombetas. O governo imperial doou as terras, que margeiam o Rio Una à família Montes que construiu ali um engenho de açúcar (Engenho Trombetas) e uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição dos Montes. A partir de então, o local passou a ser chamado de Povoado dos Montes. Depois ganhou o nome

de Una, por conta do rio. O topônimo Palmares decorre do fato de a região ter abrigado um núcleo do movimento de rebeldia negra República dos Palmares.

No setor administrativo, Palmares, pertenceu ao município de Barreiros e, posteriormente, ao de Água Preta. Elevado à categoria de distrito pela Lei provincial de número 844 de 28 de maio de 1868, foi criado município autônomo em 24 de maio de 1873, data da criação do município pela Lei nº 1458, 9 de junho de 1879.

### **Barreiros - Ponto 05**

O nome oficial é Barreiros, antes era uma aldeia dos índios Caetés. A sua língua era a dos Tupinambás. Seus habitantes são chamados de barreirenses. Tem uma população de 43.502h, distribuídos em 233 km<sup>2</sup>, distante da capital por 91 km.

Barreiros surgiu de uma aldeia de índios. Seus primeiros habitantes foram os índios Caetés. O local de origem, hoje, chama-se Barreiros Velho. Em 1786, Barreiros era um povoado. Em 1853, foi elevada à vila, e em 1860, tornou-se município, ficando autônomo em 1892.

O nome Barreiros proveio das escavações feitas no solo, que era de barro vermelho pelos porcos caititus, muito abundantes na região. Caititus eram porcos-do-mato monteses.

Como marco histórico, Barreiros participou da Invasão Holandesa, Guerra dos Mascates, Revolução Praieira, Segunda Guerra Mundial pela paz em Roma.

### **São Benedito do Sul - Ponto 06**

São Benedito do Sul é o nome oficial. Anteriormente, era denominado São Sebastião da Barra e Iraci. Seus habitantes são chamados de são-beneditenses. Sua população é de 9.989h, distribuídos numa área de 287,99 km<sup>2</sup>, distante da capital por 169 km.

Em 1694, a região onde hoje se encontra São Benedito do Sul, era coberta de mata nativa onde os escravos fugidos se escondiam. Posteriormente, tornou-se abrigo de brancos mestiços fugidos da invasão holandesa. Em 1867, a Lei nº 717, de 20 de maio, cria o Distrito de Paz de São Benedito (vila) do município de Quipapá.



Em 1899, já no Brasil República, a povoação adquire a categoria de distrito pela Lei Municipal n<sup>o</sup> 34 de 20 de outubro. Em 1928, o distrito São Benedito é desmembrado por Lei municipal n<sup>o</sup> 109, criando um novo distrito: São Sebastião da Barra, posteriormente extinto. Em 1933 é restaurado o Distrito de São Sebastião da Barra por ato n<sup>o</sup> 2 de 31 de janeiro de 1933. Em 1939 o Distrito São Sebastião da Barra volta a pertencer a São Benedito do Sul. Em 1963, quando Miguel Arraes, era governador do Estado, pelo Decreto Lei n<sup>o</sup> 4980, datado de 20 de dezembro de 1963, foi então Iraci desmembrado de Quipapá, tornando-se município, recebendo o nome de São Benedito do Sul. Este Decreto-Lei entrou em vigor a 1<sup>o</sup> de janeiro de 1964, ano do golpe militar.

#### **4- O ATLAS LINGUÍSTICO DA MATA SUL DE PERNAMBUCO**

##### **4.1 APRESENTAÇÃO DAS CARTAS**

O Atlas contém dois tipos de cartas, seguindo as normas do ALiB, conforme (ARAGÃO, 2006, p. 43):

1- Cartas geográficas para a identificação da localidade no espaço geográfico brasileiro. Assim sendo, nessas cartas contêm sete mapas:

1.1 Mapa-múndi situando o Brasil.

1.2 Mapa da América do Sul destacando o Brasil, situando Pernambuco.

1.3 Mapa do Nordeste situando Pernambuco

1.4 Mapa de Pernambuco situando as mesorregiões

1.5 Mapa de Pernambuco localizando a microrregião Mata Sul.

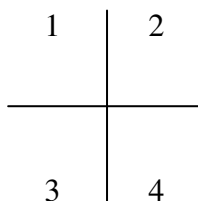
1.6 Mapa da Mata Sul com os municípios.

1.7 Mapa da Mata Sul com a rede de pontos.

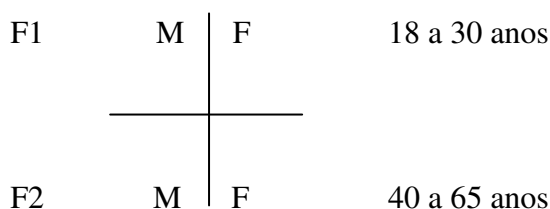
2- Cartas linguísticas semântico-lexicais, totalizando 45.

2.1 As cartas estão assim organizadas:

- Na parte superior centralizada, encontram-se: o mapa de Pernambuco, tamanho reduzido, colorido, destacando a Mata Sul, o nome do Atlas e o campo semântico numerado, obedecendo à ordem do Questionário Semântico Lexical.
- Na parte superior à direita, o número da carta.
- Na parte superior à esquerda, encontra-se o item lexical padrão, sugerido pelo ALiB na ordem do questionário, abaixo, acompanha a pergunta.
- Na parte superior à esquerda, encontra-se, também, a legenda dos símbolos apresentados em cada ponto de inquérito.
- Os símbolos utilizados na constituição das legendas são totalmente arbitrários, ou seja, não há nenhuma relação entre os símbolos com os termos, apenas legendas para identificação na leitura de cada carta.
- No centro, situa-se o mapa da Mata Sul de Pernambuco, com os números de inquérito na seguinte ordem: 01: Ribeirão; 02: Sirinhaém; 03: Belém de Maria; 04: Palmares; 05: Barreiros; 06: São Benedito do Sul.
- A faixa diagenérica é lida em forma de cruz, sendo que à esquerda da linha vertical da cruz equivalem ao sexo masculino, contendo os números ímpares 1 e 3, e, à direita corresponde ao sexo feminino, contendo os números pares 2 e 4, conforme o modelo abaixo:



- A faixa etária é lida em linha horizontal: F1: 18 a 30 anos; F2: 40 a 65 anos, como é mostrado a seguir:



- Tanto a faixa diagenérica quanto a faixa etária serão lidas em cada ponto de inquérito, leva-se em consideração a legenda específica de cada item lexical.
- As cartas léxicas contêm 45 cartas, sendo assim distribuídas por campos semânticos, na seguinte ordem: Acidentes Geográficos (2), Fenômenos Atmosféricos (4), Astros e Tempo (3), Atividades Agropastoris (5), Fauna (6), Corpo Humano (7), Ciclos da vida (2), Convívio e Comportamento Social (6), Jogos e Diversões Infantis (4), Habitação (1), Alimentação e Cozinha (2), Vestuário e Acessórios (1), Vida Urbana (2).
- As cartas linguísticas apresentadas, aqui, representam as variações semântico-lexicais da região investigada, através da pesquisa de campo entre informantes e inquiridores.
- Estas cartas mostram a realidade diatópica e diastrática da região Mata Sul.

## 2.2 As legendas:

- Os ícones a serem utilizados nas cartas, são iguais, porém tomam seu real sentido, em cada carta, conforme o item semântico-lexical.

Eis os ícones:



- As ocorrências semântico-lexicais, em cada carta, estão em ordem decrescente.

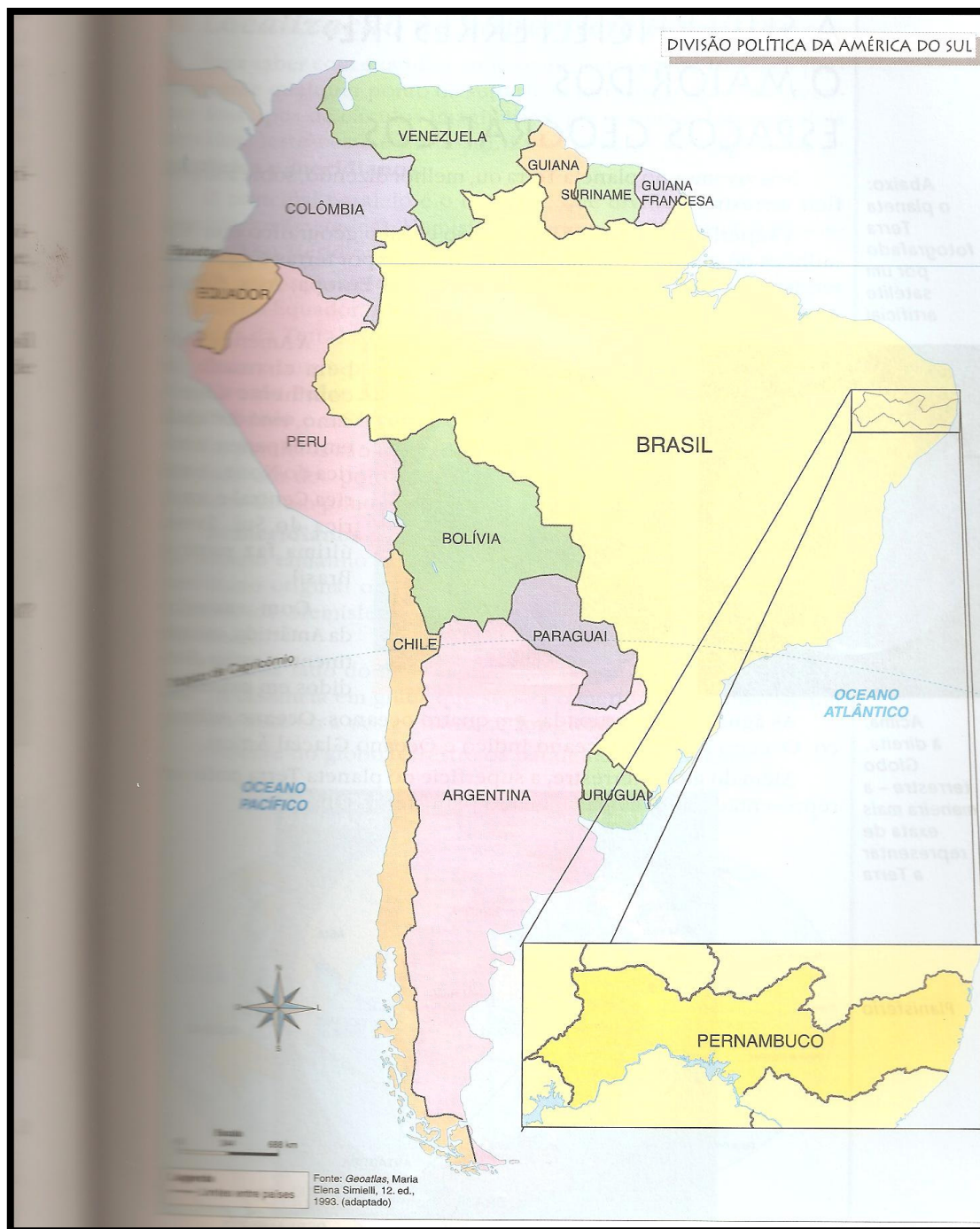
## **4.2 CARTAS LINGUÍSTICAS INTRODUTÓRIAS**

## 1 - MAPA-MÚNDI SITUANDO O BRASIL



FONTE: Brasil Imagem

## 2 - MAPA DA AMÉRICA DO SUL DESTACANDO O BRASIL SITUANDO PERNAMBUCO



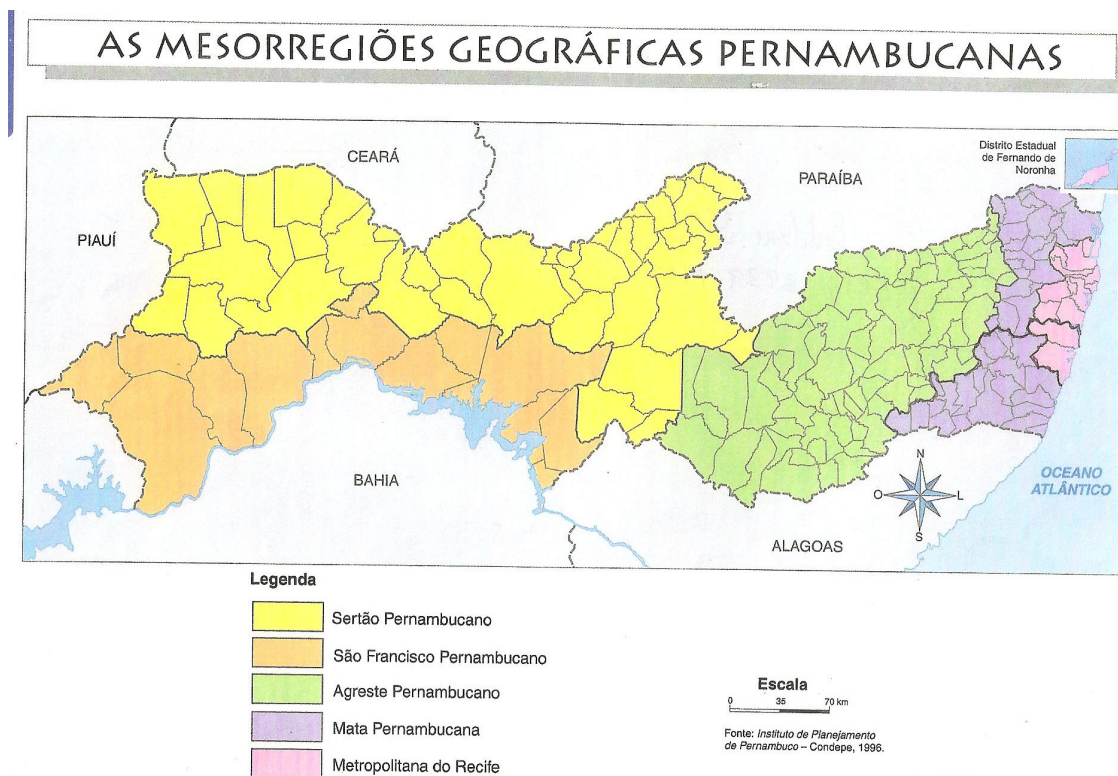
FONTE: SIEBERT, Célia. Geografia de Pernambuco. São Paulo, 20

### 3 - MAPA DO NORDESTE SITUANDO PERNAMBUCO





#### 4- MAPA DE PERNAMBUCO SITUANDO AS MESORREGIÕES



FONTE: SIEBERT, Célia. Geografia de Pernambuco. São Paulo, 2001.

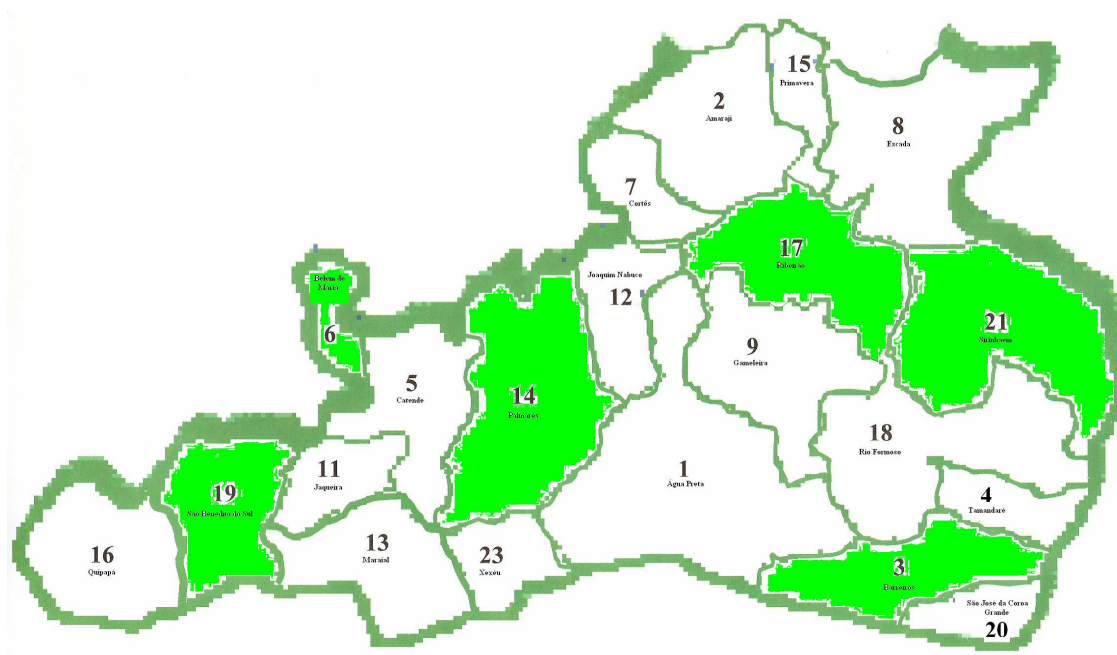


## 5 – MAPA DE PERNAMBUCO SITUANDO A MATA SUL



FONTE: ALLEN GRÁFICA – AGRESTINA - PE

## 6 - MAPA DA MATA SUL DE PERNAMBUCO COM OS MUNICÍPIOS

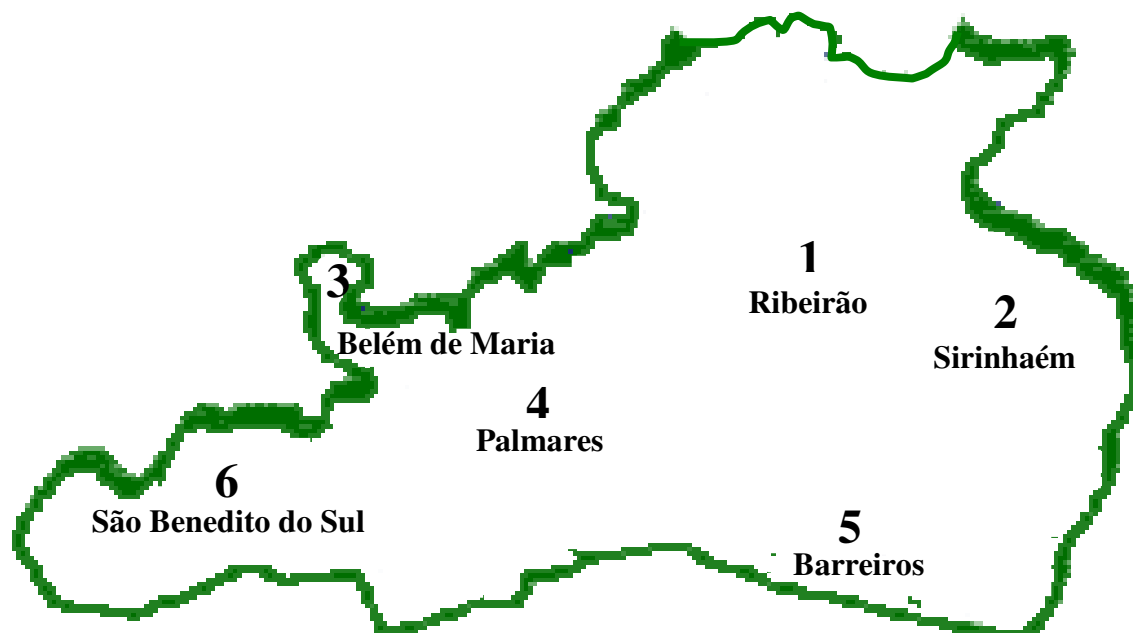


FONTE: MYSTER INFORMÁTICA – ALTINHO-PE

### Legenda

- |                          |                                |
|--------------------------|--------------------------------|
| 1- Água Preta            | <b>14- Palmares</b>            |
| 2- Amaraji               | 15- Primavera                  |
| <b>3- Barreiros</b>      | 16- Quipapá                    |
| <b>6- Belém de Maria</b> | <b>17- Ribeirão</b>            |
| 5- Catende               | 18- Rio Formoso                |
| 7- Cortês                | 20- São José da Coroa Grande   |
| 8- Escada                | <b>19- São Benedito do Sul</b> |
| 9- Gameleira             | <b>21- Sirinhaém</b>           |
| 11- Jaqueira             | 4- Tamandaré                   |
| 12- Joaquim Nabuco       | 10- Xexéu                      |
| 13- Maraial              |                                |

## 7- MAPA DA MATA SUL COM A REDE DE PONTOS



FONTE: MYSTER INFORMÁTICA – ALTINHO PE

### **4.3 CARTAS LINGUÍSTICAS SEMÂNTICO-LEXICAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa para a elaboração do Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco. Teve como objetivos: registrar as variantes léxicas encontradas na região pesquisada, analisar o caráter multidialetal do português do Brasil e oferecer embasamento para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

A pesquisa seguiu a seguinte metodologia:

Pesquisa bibliográfica, que nos deu a fundamentação teórica necessária para o trabalho; escolha das localidades que dentre 21 cidades, foram escolhidas seis: 1- Ribeirão, 2- Sirinhaém, 3- Belém de Maria, 4-Palmares, 5- Barreiros, 6- São Benedito do Sul, levando em consideração os pontos cardeais, obedecendo à ordem de numeração de 1 a 6; foram selecionados os informantes num total de 24, controlando as seguintes variáveis: a) variação regional ou diatópica – os informantes selecionados são naturais da localidade, sendo que alguns chegaram à cidade com menos de oito anos; b) variação diastrática ou social – sendo para a variação diageracional, foram selecionados informantes de duas faixas etárias: faixa I 18 a 30 anos, faixa II de 40 a 65 anos; para a variação diassexual ou diagenérica, selecionamos quatro em cada ponto, perfazendo um total de 12 homens e 12 mulheres; escolaridade, utilizamos informantes de 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental.

Para a pesquisa de campo, utilizamos os instrumentos de pesquisa do ALiB: ficha de localidade, ficha de informante e o questionário semântico-lexical, que abrange

os campos semânticos de: Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos, Astros e Tempo, Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Ciclos da Vida, Convívio e Comportamento Social, Jogos e Diversões Infantis, Habitação, Alimentação e Cozinha, Vestuário e Acessórios, Vida Urbana.

Após a pesquisa de campo, com a obtenção dos dados, foram compostas 45 cartas léxicas, selecionadas entre 202 perguntas que compõe o questionário semântico-lexical (QSL), assim sendo, o Almaspe contém dois tipos de cartas: sete cartas geográficas introdutórias e 45 cartas léxicas. Cartografaram-se somente as variantes linguísticas mais identificadas com a região.

As variações mais frequentes, conforme os campos semânticos, foram:

- 1-Acidentes Geográficos: riacho, brejo, redemoinho, porão.
- 2-Fenômenos Atmosféricos: temporal, tempestade, vendaval, granizo, chuva de gelo, garoa, chuvisco, úmida
- 3- Astros e Tempo: estrela d'alva, estrela da manhã, estrela da tarde, estrela cadente, estrela passageira.
- 4- Atividades Agropastoris: laranja cravo, tangerina, penca, palma, mangará, umbigo, macaxeira, mandioca, caçuá, balaio.
- 5- Fauna: beija-flor, bizunga, gambá, ticaca, aleijado, conhem, varejeira, zigue-zigue, libélula, tapuru, bicho de fruta.
- 6- Corpo Humano: pestana, pálpebras, zanolho, vesgo, terçol, vilídia, queiro, fanhoso, fanho, pernetta, cangalha, pernas esquerdas.

- 7- Ciclos da Vida: menstruação, dar à luz, parir.
- 8- Convívio e Comportamento Social: falador, tagarela, pirangueiro, mão de vaca, prostituta, rapariga, bêbado, cachaceiro, pinguço, cigarro de palha, pacaia, biata, goia.
- 9- Jogos e Diversões Infantis: peteca, bodoque, pipa, papagaio, chicote queimado, gangorra, burrica.
- 10- Habitação: fumaça, pocumã.
- 11- Alimentação e Cozinha: aguardente, cachaça, pinga, pão bengala.
- 12- Vestuário e Acessório: biliro, grampo.
- 13- Vida Urbana: retorno, rótula, encruzilhada, bar, barracão, bodega.

O material colhido, que não foi utilizado no Atlas, poderá futuramente servir para a elaboração de cartas fonéticas e análises fonético-semântico-lexicais do Almaspe.

O trabalho é pioneiro em Pernambuco, esperando-se que a partir dele, muitos outros atlas municipais e regionais ou mesmo o Atlas Linguístico do Estado de Pernambuco-Alipe, venha a ser realizado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edilene M. O. de. **Realidade da língua portuguesa na zona meridional da Mata Sul Pernambucana**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA PORTUGUESA - 6º, 1998, São Paulo. IP-PUC-SP, 2002, p. 265-290.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 2. Ed. São Paulo: HUCITEC; Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976.

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. **Interfaces entre Dialectologia e História**. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs). Documentos 2 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 166.

ANDRADE, Manuel Correia de O. **A Guerra dos Cabanos**. Rio de Janeiro: Conquista, 1965.

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994. 2 v.

\_\_\_\_\_. **Aspectos Diageracionais em Corpora de Atlas Linguístico do Brasil**. Mesa-Redonda “O Atlas Linguístico do Brasil. Um Atlas Pluridimensional?” In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN - 2. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará. 13.

\_\_\_\_\_. **O Atlas Linguístico do Brasil: aspectos metodológicos – o questionário semântico-lexical**. Workshop sobre técnicas e métodos de trabalho de campo para



preparação de inquiridores para o Atlas Linguístico do Brasil, 2. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 03 a 07 de julho de 2000.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Documentos I. Salvador: ILUFBA:EDUFBA, 2004, p.190.**

ALVAR, M. **“Diferencias em el habla de hombres y mujeres.”** Revista do Livro. Rio de Janeiro, 1958, p. 85.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleusa Palmeira Bezerra de. **Atlas Linguístico da Paraíba: cartas léxicas e fonéticas.** Brasília: UFPB/CNPq, 1985. v 1

\_\_\_\_\_. **Atlas Linguístico da Paraíba: análise das formas e estruturas linguísticas encontradas.** Brasília: UFPB/CNPq, 1985. v 2.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil, Documentos 2.** Salvador: Quarteto, 2006, p. 36.

ARAGÃO, Maria do Socorro da Silva. **Variação Semântico-Lexical em Atlas Linguísticos Nordestinos.** Artigo, p. 2.

ARAGÃO, Maria do Socorro da Silva et al. **Projeto Atlas Linguístico do Piauí – AliPI.** Teresina, 2006.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica.** São Paulo: Edusp, 2001.

BLANCH, J. L. **La Sociolingüística y la dialetologia hispânica.** In: Em torno a la sociolingüística. México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1978, p. 40, 42.

BLUTEAU, R. **Vocabulário português e latino v.10**. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1728, p. 16.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil**. In: Congresso Internacional da ABRALIN I. Atas. Salvador/BA/ABRALIN, 1996.

CAMACHO, Roberto. **A variação lingüística**. In: Subsídio à proposta curricular de língua portuguesa para 1º e 2º graus, coletânea de textos. São Paulo: SE/CENP, 1987. v.3.

CÂMARA, J. Mattoso Jr. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985, p. 7.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionário – 2001**. Londrina: UEL, 2001.

COSERIU, E. **La Geografia Linguística**. Montevideú. Universidad de la República, 1950, p. 11-12.

COSERIU, Eugênio. **A geografia linguística**. In: O homem e sua linguagem. Trad. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/USP, p. 79,116.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 6. edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CRUZ, M. L. de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRS, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. edição. Lisboa: Edição João Sá da Costa, 1986, p. 4, 49.

DUBOIS et al. **Dicionário de Linguística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 185, 186.

BRANDÃO, Sílvia Figueredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991, p. 15.

ELIA, Sílvio. **A unidade linguística do Brasil: condicionamentos geoeconômicos**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A Dialetoлогия no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do Português do Brasil – estudos de dialetoлогия rural e outros**. 2. edição revista. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Linguístico de Sergipe I**. Bahia: UFBA/FUNDESC, 1987.

FIDEM. **Sirinhaém A Natureza Viva**. Recife. Gráfica e Editora Liceu Ltda, 1999.

JORNAL DO COMMERCIO. **Pernambuco Imortal**.1995.

JARDIM JÚNIOR, D. **Dicionário de Expressões em Latim: usadas no Brasil**. São Paulo: Ediouro, 1988.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil-ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/UFSC/UFPR, 2002.

MAROUZEAU, J. **-La Linguistique ou Science du Language**. Paris, 1921.

MARRROQUIM, M. **A língua do Nordeste**. 3. Ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Documentos 2**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 23.

\_\_\_\_\_. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil, Documentos 2**. Salvador: Quarteto, 2006, p.23.

NASCENTES, A. **O linguajar Carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953, p. 18, 53, 24-25.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. **Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 2007.

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar**. ALiPTG. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. 123 f. Tese de Doutorado em Dialetologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PRETI, Dino. **Sociolinguística os níveis de fala**. 9. ed. 1. reimpr. São Paulo: edusp, 2003, p. 24.

RODRIGUES, Ada Natal. Ensaio 5. **O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

RADTKE; Edgar; THUN, Harald. **Nuevos caminos de la geolingüística românica: um balance**. Tradução de Norma Díaz. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik, Akten dês Symposiums zur Empirischen Dialektologie* (Heidelberg/Mainz, 1991). Kiel: Westensee, 1996, p. 49.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; ROCHA, Maria de Fátima Sopas; BEZERRA, José de Ribamar Mendes. **A diversidade do português falado no Maranhão: o Atlas Linguístico do Maranhão em foco**. São Luís: Edufma, 2006.

ROSSI, Nelson. **A Dialectologia**. Marília: ALFA, 1967.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de: Antônio Chelin, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SIEBERT, Célia. **Geografia de Pernambuco**. São Paulo: FTD, Edição renovada, 2001.

SILVA-CORVALAN, C. **Sociolingüística, Teoria y análisis**. Madri, Alhambra.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 4. edição. Rio de Janeiro: Presença, 1974.

\_\_\_\_\_. **Manual de Filologia Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977, p. 19.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **“O português são dois ...” Novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SOUTO MAIOR, Pedro. **Fastos Pernambucanos**. Recife: CEPE, 1991.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. 7. edição. São Paulo: Ática, 2001.

[WWW.webatlas.com.br](http://WWW.webatlas.com.br). Acesso: 7 de set. de 2009.

[WWW.brasilchannel.com.br](http://WWW.brasilchannel.com.br). Acesso: 19 de abr. de 2004.

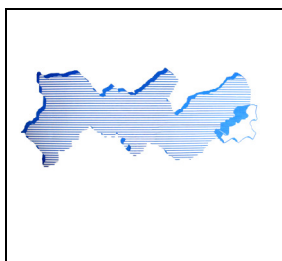
VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA / ACADEMIA  
BRASILEIRA DE LETRAS. 5ª Ed. São Paulo: Global, 2009.

## ANEXOS

ANEXO 1 – FICHA DA LOCALIDADE .....
ANEXO 2 – FICHA DO INFORMANTE .....
ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO .....
ANEXO 4 – FOTOS DE INFORMANTES E INQUIRIDORES .....

**ANEXO 1 – FICHA DA LOCALIDADE**



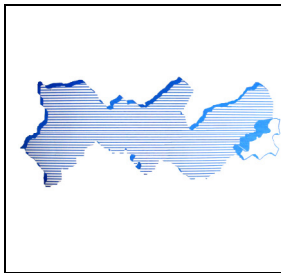
**ANEXO 1 – FICHA DA LOCALIDADE**

Atlas Linguístico da Mata Sul – PE	
Ficha da Localidade	
Nº. do ponto:	Nº. do informante

1. NOME OFICIAL:
2. NOME REGIONAL:
3. NOMES ANTERIORES:
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios:  b) pelos habitantes de outras localidades:
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) pelos próprios habitantes:  b) pelos habitantes de outras localidades:
6. NÚMERO DE HABITANTES:  a) oficial:  b) cálculo do informante:
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:

8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):
10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferrobiárias, etc.):
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:
13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:
15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

**ANEXO 2 – FICHA DO INFORMANTE**



## Atlas Linguístico da Mata Sul – PE

### Ficha do Informante

Nº. do ponto:

Nº. do informante

#### DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> B. <input type="checkbox"/>	5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHAGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMÍCILOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURLIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:			
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES::		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe C. do cônjuge:	
<b>RENDA</b>			
19. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar			
<b>CONTATOS COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO</b>			
20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes 134 C. <input type="checkbox"/> nunca		21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. <input type="checkbox"/> novelas G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. Auditório F. <input type="checkbox"/> filmes	

<p>22. TIPO DE TRANSMISSÃO:</p> <p>A. <input type="checkbox"/> rede gratuita</p> <p>B. <input type="checkbox"/> parabólica</p> <p>C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura</p>	<p>23. OUVE RÁDIO?</p> <p>A. <input type="checkbox"/> todos os dias    D. <input type="checkbox"/> parte do dia    G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha</p> <p>B. <input type="checkbox"/> às vezes    E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro</p> <p>C. <input type="checkbox"/> nunca    F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja</p>
<p>24. PROGRAMAS PREFERIDOS:</p> <p>A. <input type="checkbox"/> noticiário geral    D. <input type="checkbox"/> noticiário policial    G. <input type="checkbox"/> outro</p> <p>B. <input type="checkbox"/> esportes    E. <input type="checkbox"/> música</p> <p>C. <input type="checkbox"/> pr. Religioso    F. <input type="checkbox"/> pr. participação do ouvinte</p>	<p>25. LÊ JORNAL?</p> <p>A. <input type="checkbox"/> todos os dias    D. <input type="checkbox"/> semanalmente</p> <p>B. <input type="checkbox"/> às vezes    E. <input type="checkbox"/> raramente</p> <p>C. <input type="checkbox"/> nunca</p>
<p>26. NOME DO JORNAL.</p> <p>_____</p> <p>A. <input type="checkbox"/> local    B. <input type="checkbox"/> estadual    C. <input type="checkbox"/> nacional</p>	<p>27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:</p> <p>A. <input type="checkbox"/> editorial    D. <input type="checkbox"/> pr. Cultural    G. <input type="checkbox"/> classificados</p> <p>B. <input type="checkbox"/> esportes    E. <input type="checkbox"/> política    H. <input type="checkbox"/> outra</p> <p>C. <input type="checkbox"/> variedades    F. <input type="checkbox"/> página policial</p>
<p>28. LÊ REVISTA?    A. <input type="checkbox"/> às vezes    B. <input type="checkbox"/> semanalmente    C. <input type="checkbox"/> mensalmente    D. <input type="checkbox"/> raramente    E. <input type="checkbox"/> nunca</p>	
<p>29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____</p> <p>_____</p>	

#### PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>

37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? \_\_\_\_\_

#### PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:

A.  tímido    B.  vivo    C.  perspicaz    D.  sarcástico

39. ESPONTANEIDADE DA LOCUÇÃO

A.  total    B.  grande    C.  média    D.  fraca

40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:

A.  cooperativa    B.  não cooperativa    C.  agressiva    D.  indiferente



## **ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO**

### Questionário Semântico – Lexical - QLS

<b>Nº. DAS QUESTÕES</b>	<b>ÁREAS SEMÂNTICAS / PERGUNTAS</b>	<b>ITENS</b>
	<b>Acidentes Geográficos</b>	
01	... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?	córrego/ riacho
02	... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um ... (cf item 1)	pinguela
03	... O lugar onde o rio termina ou encontra com outro?	foz
04	Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?	redemoinho (de água)
05	... o movimento de água do mar? Imitar o balanço das águas	onda do mar
06	... o movimento da água do rio? Idem item 5	onda de rio
07	<b>Fenômenos Atmosférico</b>	
	... o vento vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	redemoinho (do vento)
08	... um clarão que surge no céu em dias de chuva?	relâmpago
09	... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais em dias de mau tempo?	raio
10	... o barulho forte que se escuta logo depois de um ... (cf. item 9)	trovão
11	... uma chuva com vento forte que vem de repente	temporal vendaval tempestade
12	Existem outros nomes para (cf item 11)	nomes específicos para temporal
13	Uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?	tromba d'água
14	Uma chuva forte e contínua?	Chuva forte
15	Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo, como chamam essa chuva?	Chuva de pedra
16	Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?	Estiar/Compor o tempo
17	Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no seu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímicas) Que nomes dão a essa faixa?	Arco-íris
18	... uma chuva bem fininha?	Garoa
19	Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?	Terra umedecida pela chuva



20	De manhã cedo, a grama geralmente esta molhada.Como chamam aquilo que molham a grama?	Orvalho / sereno 138
21	Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, cobre tudo. Como chamam isso?	Nevoeiro/cerração/ neblina
22	<b>Astros e Tempo</b> ... a parte do dia quando começa a clarear?	Amanhecer
23	O que acontece no céu de manha cedo quando começa a clarear	Nascer do sol
24	... a claridade avermelha que fica no céu depois (cf .item 23)	Alvorada
25	E o que acontece no céu no final da tarde?	Pôr-do-sol
26	... a claridade avermelhada que fica no céu depois (cf item 25)	crepúsculo
27	E quando o sol se põe?	Entardecer
28	... o começo da noite?	Anoitecer
29	De manha cedo, uma estrela brilha mais e é a ultima a desaparecer. Como se chama essa estrela?	Estrela matutina/Vênus/estrela da manha/estrela d'alva
30	De tardezinha uma estrela aparece antes da outra, perto do horizonte e brilha mais. Como se chama essa estrela?	Estrela vespertina / Vênus / Estrela da Tarde.
31	De noite, muitas vezes,pode-se observar uma estrela que desloca no céu,assim “mímica” e faz um risco de luz.Como se chama isso?	Estrela cadente/ Estrela Filante / meteoro / zelação
32	E quando se vê uma – (cf.item 31), como é que diz?Identificar os verbos usados para expressar o movimento da estrela cadente	Mudar / correr uma estrela
33	Numa noite bem estrelada,aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora,onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras.Como se chama esta faixa ou banda?	Via láctea / Caminho de Santiago
34	Quais são os meses do ano?	Meses do ano
35	Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, Junho, Julho, etc?	Meses com nomes especiais
36	Hoje é segunda feira.e domingo,que dia foi?	Ontem
37	...o dia que foi antes de(cf.item 37)	Anteontem
38	...o dia que foi antes de(cf.item 37)	Transanteotem
39	<b>Atividades Agropastoris</b> ... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam um cheiro na mão?Como elas são?	Tangerina / mexerica

40	...o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado, ou moído?	Amendoim
41	... umas florzinhas brancas com um miolo amarelinho, ou florzinhas secas que se compram nas farmácias ou no supermercado e servem para fazer chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de neném/bebê e até adulto e também para acalmar mostrar as florzinhas	Camomila 139
42	... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para amadurecer	Penca
43	...duas bananas que nascem grudadas?	Banana dupla / felipe / penca
44	... a ponta roxa do cacho da bananeira?	Parte terminal da inflorescência da bananeira / umbigo / coração
45	Quando se vai colher o milho, o que se tira do pé? (quando se vai a feira comprar milho, compra-se o quê?)	Espiga
46	Quando se tira da ____ (cf. item 45) todos os grãos de milho, o que sobra?	Sabugo
47	Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?	Soca / touceira
48	Flor grande, amarela, redonda, como uma rodela de sementes no meio?	Girassol
49	Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?	Margem do feijão / bainha
50	... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca, que se cozinha para comer?	Mandioca / aipim
51	... uma raiz parecida com ____ (item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?	Mandioca
52	... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?	Carrinho de mão / carriola
53	... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o (a) ____ (cf. item 52)?	Hastes do carrinho de mão

54	...armação de madeira , que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro, bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem a cerca?	Cangalha / forquilha
55	... a armação de maneira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? <i>Mostrar gravura</i>	Bolsa / bruaca 140
56	... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?	Canga
57	... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipó traçado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc), no lombo do cavalo ou burro?	Jacá / balaio
58	E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? <i>Mostrar gravura</i>	Bolsa / bruaca
59	... o filho da ovelha logo que nasce? E que idade se dá esse nome?	Borrego (do nascer até...)
60	Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?	Perda de cria
61	... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, recebe por dia de trabalho?	Trabalhador de enxada em roça alheia
62	O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?	Picada / atalho estreito
63	... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?	Trilho / caminho / vereda / trilha
<b>Fauna</b>		
64	...a ave preta que come animal morto, podre?	Urubu
65	... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?	Colibri / beija-flor
66	... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?	João-de-barro
67	... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?	Galinha d'angola / guiné/cocar
68	... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?	Papagaio
69	... uma galinha sem rabo?	Sura
70	... o cachorro de rabo cortado?	Cotó
71	... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?	Gambá

72	... as patas dianteira do cavalo?	Patas dianteiras do cavalo?
73	... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?	Crina do pescoço
74	... o cabelo comprido na traseira do cavalo?	Crina da cauda
75	... a parte do cavalo onde vai a sela?	Lombo
76	... a parte larga atrás do ..... (cf. Item 75)?	Anca / garupa / cadeira 141
77	O que o boi tem na cabeça?	Chifre
78	... o boi sem .....(cf. item 77)?	Boi sem chifre
79	... a cabra que não tem .....(cf. item 77)?	Cabra sem chifre
80	Em que parte da vaca tira o leite?	Úbere
81	... a parte com que o boi espanta as moscas?	Rabo
82	... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?	Manco
83	... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz barulho quando voa?	Mosca varejeira
84	... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (cf. item 1)	Sanguessuga
85	... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?	Libélula
86	... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?	Bicho de fruta
87	... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?	Coró
88	... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? <i>Imita o zumbido.</i>	Pernilongo
	<b>Corpo Humano</b>	
89	... esta parte que cobre o olho? <i>Apontar.</i>	Pálpebras/capela dos olhos
90	... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?	Cisco
91	... a pessoa que só enxerga com um olho?	Cego de um olho
92	... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? <i>Completar com um gesto dos dedos.</i>	Vesgo
93	... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?	Míope
94	... a bolinha que nasce na ..... (cf. item 89), fica vermelho e incha? Terço/viúva.	Terço / viúva

95	... a inflamação no olho que faz com o olho fique vermelho e amanheça grudado?	Conjuntivite/dor d'olhos
96	... aquela pele branca no olho que dá em pessoa mais idosa?	Catarata
97	... esses dois dentes pontudos? <i>Apontar.</i>	Dentes caninos/presas
98	... os últimos dentes que nascem depois de todos os outros em geral, quando a pessoa já é adulta?	Dentes do siso / do juízo
99	... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos .....(cf. item 98)? <i>Apontar.</i>	Dentes molares / dente queiro
100	... a pessoa que não tem dente?	Desdentado / banguela 142
101	... a pessoa que parece falar pelo nariz? <i>Imitar.</i>	Fanhoso / fanho
102	... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?	Meleca/tatu
103	... este barulhinho que se faz? <i>Soluçar.</i>	Soluço
104	... isto? <i>Apontar.</i>	Nuca
105	... esta parte alta do pescoço do homem. <i>Apontar.</i>	Pomo-de-adão / gogó
106	... o osso que vai do pescoço até o ombro. <i>Apontar.</i>	Clavícula
107	... a pessoa que tem um calombo nas costas e fica assim (mímica)?	Corcunda
108	... esta parte aqui? <i>Apontar.</i>	Axila
109	... o mau cheiro embaixo dos braços?	Cheiro nas axilas
110	... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? <i>Completar com o gesto.</i>	Canhoto
111	... a parte do corpo da mulher como ela amamenta os filhos?	Seios / peito
112	Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?	Vomitar
113	... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?	Útero
114	... a pessoa que não tem uma perna?	Perneta
115	... a pessoa que puxa de uma perna?	Manco
116	... a pessoa de pernas curvas? <i>Mímica.</i>	Pessoa de pernas arqueadas
117	... o osso redondo que fica na frente do joelho?	Rótula / pataca
118	... isto? <i>Apontar.</i>	Tornozelo
119	... isto? <i>Apontar.</i>	Calcanhar
120	Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?	Cócegas

<b>Ciclos da Vida</b>		
121	As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isto?	Menstruação
122	Numa certa idade acabo a / o___(cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher.	Entra na menopausa
123	... a mulher que ajuda a criança a nascer?	Parteira
124	Chama-se a ___ (cf. item 123) quando a mulher está para _____	Dar à luz
125	... duas crianças que nascem no mesmo parto?	Gêmeos
126	Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve.	Aborto
127	Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?	Abortar
128	Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?	Ama-de-leite 143
129	O próprio filho da____(cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?	Irmão de leite
130	... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ela como se fosse?	Filho adotivo
131	... o filho que nasceu por último?	Filho mais moço / caçula
132	Criança pequenina, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?	Menino / guri / piá
133	E se for do sexo feminino, como se chama?	Menina
134	Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ela já tinha?	Madrasta
135	Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?	Finado / falecido
<b>Convívio e Comportamento Social</b>		
136	... a pessoa que fala demais?	Pessoa tagarela
137	... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?	Pessoa pouco inteligente
138	... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?	Pessoa sovina
139	... a pessoa que deixa suas contas penduradas?	Mau pagador
140	... a pessoa que á paga para matar alguém?	Assassino pago
141	... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?	Marido enganado
142	... a mulher que se vende para qualquer homem?	Prostituta
143	... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?	Xará

144	Que nomes dão a uma pessoa que bebe demais?	Bêbado (designações)
145	Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado a mão?	Cigarro de palha
146	... o resto do cigarro que se joga fora?	Toco de cigarro
147	<b>Religião e Crenças</b> Deus está no céu e no inferno está .....?	Diabo
148	O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitério ou em casa, que se diz que é do outro mundo?	Fantasma
149	O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, em encruzilhada?	Feitiço
150	... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?	Amuleto 144
151	... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?	Benzedeira
152	... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?	curandeiro
153	... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?	Medalha
154	No Natal, monta-se um grupo de figura representando o nascimento do menino Jesus. Como chamam isso?	Presépio
	<b>Jogos e Diversões Infantis</b>	
155	... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? <i>Mímica.</i>	Cambalhota
156	... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?	Bolinha de gude
157	... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?	Estilingue / setra / bodoque
158	... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que empina no vento por meio de uma linha?	Papagaio de papel / pipa
159	E um brinquedo parecido com o (a) ____ (cf.item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?	Pipa / arraia
160	... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?	Esconde-esconde
161	... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tentar pegas as outras?	Cabra-cega

165	... uma tábua, apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? <i>Mímica.</i>	Gangorra.
166	... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? <i>Mímica.</i>	Balanço 145
167	... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formado por quadrados numerados, jogam uma pedrinha ( <i>mímica</i> ) e vão pulando com uma perna só? <i>Solicitar descrição detalhada.</i>	Amarelinha
<b>Habitação</b>		
168	... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela ...?	Tramela
169	Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? <i>Mostrar gravura.</i>	Veneziana
170	Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa senta para fazer as necessidades?	Vaso sanitário / patente
171	... aquilo preto que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?	Fuligem
172	... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?	Borrvalho
173	Para acender um cigarro, se usa fósforo ou .....?	Isqueiro / binga
174	Aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão ( <i>mímica</i> ).	Lanterna
175	Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?	Interruptor de luz
<b>Alimentação e Cozinha</b>		
176	... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?	Café da manhã
177	... a pasta feita de frutas para passar o pão, biscoito?	Geléia
178	... a carne depois de triturada na máquina?	Carne moída
179	... uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?	Curau / canjica
180	E essa mesma papa, com milho verde ralado, coco, como é que chama? <i>Pedir para descrever como se faz.</i>	Curau
181	... aquele alimento feito de grãos de milho branco, coco e canela?	Mungunzá / canjica
182	... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.	Aguardente
183	Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: comi tanto que estou _____	Empanturrado
184	... uma pessoa que normalmente come demais?	Glutão



185	... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? Mostrar. Pedir para descrever.	Bala / confeito / bombom
186	... isto? <i>Mostrar.</i>	Pão francês
187	... isto? <i>Mostrar.</i>	Pão bengala
<b>Vestuário e Acessórios</b>		146
188	... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?	Sutiã
189	... roupa que o homem usa debaixo da calça?	Cueca
190	... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?	Calcinha
191	... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?	Rouge
192	... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? <i>Mostrar.</i>	Grampo (com pressão) / ramona / misse
193	... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? <i>Mímica.</i>	Diadema / arco / tiara
<b>Vida urbana</b>		
194	Na cidade, o que costuma ter em cruzamento com movimento, com luz vermelha, verde e amarela?	Sinaleiro / semáforo / sinal
195	... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?	Lombada / quebra-molas
196	Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?	Calçada / passeio
197	... o que separa o .....(cf. item 196) da rua?	Meio-fio
198	... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?	Rotatória / rótula
199	... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?	Lote / terreno / data
200	... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?	Ônibus urbano
201	... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?	Ônibus interurbano
202	... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber ____ (cf. item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?	Bodega / bar / boteco

FONTE: COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001. Londrina: Editora UEL, 2001.

**ANEXO 4 – FOTOS DOS INQUIRIDORES E INFORMANTES**

## Pequeno registro fotográfico da Pesquisa



A pesquisadora do Almaspe e seus alunos inquiridores na FAMASUL – Palmares – PE.



A pesquisadora do Almaspe e seus alunos inquiridores em momento de descontração.



A pesquisadora do Almaspe,  
fazendo entrevista com o  
informante M. V. L. no Colégio  
Maria José da Silva em Batateira,  
Vila de Belém de Maria – PE.



A pesquisadora do Almaspe, com  
colaboradora e informante em  
Batateira, Vila de Belém de Maria -  
PE.



Local da entrevista da informante M. J. A. em Palmares – PE.



A pesquisadora do Almaspe, em entrevista com o informante, Jorge Eduardo, na residência do mesmo, em Palmares – PE.



A pesquisadora do Almaspe, ladeada de suas alunas inquiridoras de São Benedito do Sul – PE.

Por fim, tudo valeu à pena: o Atlas se tornou realidade.

Edilene Maria Oliveira de Almeida













# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)